

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH III

EXPERIÊNCIAS, VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS SOBRE O AUTISMO  
ATRAVÉS DE UM OLHAR FAMILIAR

NÊMORA CLAUDIANE CAFÉ PEREIRA DA COSTA

JUAZEIRO-BA

2022

NÊMORA CLAUDIANE CAFÉ PEREIRA DA COSTA

EXPERIÊNCIAS, VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS SOBRE O AUTISMO  
ATRAVÉS DE UM OLHAR FAMILIAR

Trabalho de Conclusão de Curso como estudo monográfico para a finalização do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia.

Professora orientadora: Antonilde Santos Almeida

JUAZEIRO-BA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

C837e Costa, Nêmora Claudiane Café Pereira da

Experiências, vivências e aprendizagens sobre o autismo através de um olhar familiar /  
Nêmora Claudiane Café Pereira da Costa. Juazeiro-BA, 2022.  
73 fls.: il.

Orientador (a): Profa. Ms. Antonilde Santos Almeida.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de  
Ciências Humanas. Campus III. 2022.

1. Autismo em crianças. 2. Autismo – Família. 3. Autismo – Aprendizagem. 4. Autismo –  
Vivência. I. Almeida, Antonilde Santos. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de  
Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 618.928982

NÊMORA CLAUDIANE CAFÉ PEREIRA DA COSTA

EXPERIÊNCIAS, VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS SOBRE O AUTISMO  
ATRAVÉS DE UM OLHAR FAMILIAR

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade do  
Estado da Bahia – UNEB/DCH III como requisito parcial para a obtenção do  
título de Graduação em Pedagogia.

Aprovado em: 20/12/2022

**BANCA EXAMINADORA**

*Antonilde Santos Almeida*

Profª Ma. Antonilde Santos Almeida  
(Orientadora)

*Silvia Lucia Lopes Benevides*

Profª Drª Sílvia Lucia Lopes Benevides  
(Membro)

*Clara Maria Miranda de Sousa*

Profª Ma. Clara Maria Miranda de Sousa  
(Membro)

Dedico essa pesquisa, primeiramente a Deus. À Universidade do Estado da Bahia - Campus III. A todos os meus professores da universidade pelo incentivo. Dedico também e principalmente aos familiares de pessoas autistas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu Deus, de todo meu coração, pois a sua presença na minha vida é fundamental. É por ti que estou aqui. Sem ti, nada disso teria acontecido. Oh Senhor! Tu és minha força e refúgio.

Sou grata, por toda a trajetória acadêmica e pelas oportunidades que a Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus III) proporcionou na minha vida.

Aos meus colegas e amigos, que estão comigo desde o início nessa caminhada universitária.

Agradeço imensamente à minha orientadora, a Prof<sup>a</sup>. Antonilde Santos Almeida pelas orientações e paciência, nessa trajetória de conclusão.

Minha família, meus pais Sumaia Rose e Claudivaldo, principalmente minha irmã Dandara Taise pelo apoio. Ela fez minha inscrição no vestibular da UNEB e acreditou na minha capacidade.

Quero agradecer em especial, à família que dispôs tempo, para meu estudo de caso, abrindo a porta da sua casa, sendo receptível durante todo o estudo, ajudando e respondendo minhas dúvidas.

Finalizo agradecendo todos e todas, que de alguma forma ajudaram direta ou indiretamente no meu processo. Obrigada!

## EPÍGRAFE

*"É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos". (Antoine de Saint-Exupéry. 2015).*

## **RESUMO**

A escrita desta pesquisa objetivou descrever a escuta de uma família sobre como ocorreram a descoberta do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista – TEA no filho mais velho, as adaptações e mudanças que os familiares tiveram que fazer e os desafios enfrentados, no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem nos ambientes (familiar e escolar). O trabalho foi desenvolvido por meio de leituras bibliográficas relacionadas ao tema: Braga (2018), Mayer (2020), Cunha (2017) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5 - 2014) como fonte metodológica para o desenvolvimento dos resultados foi usado Bardin (2016). Essas fontes trouxeram a importância de conhecer a pessoa autista e sobre o que ocorre com ela, além de compreender como a afetividade é salutar no contexto familiar ou escolar. Através da abordagem qualitativa, essa escrita permeou um estudo de caso com observações para a identificação dos desafios e das adaptações que a família enfrentou, a importância dos profissionais especializados no atendimento e o diagnóstico precoce. Este estudo também mostra que o Transtorno do neurodesenvolvimento é descrito como um espectro, pois as características variam e podem comprometer o desenvolvimento do indivíduo, o convívio social, o comportamento e a comunicação, causando desafios específicos na aprendizagem em dois importantes ambientes para o desenvolvimento da criança: familiar e escolar. Esse trabalho pode ser uma contribuição para acadêmicos que desejam conhecer um pouco sobre a temática e o desenvolvimento educacional de crianças com TEA, tanto para a comunidade como para todas as famílias que desejam aprender através de uma descrição de uma experiência familiar. Experiência essa que foi percorrido de forma sensível e real, trazendo uma vivência que pode se desenvolver em outros estudos e pesquisas, e sobre o quanto a família se torna um porto seguro e ao mesmo tempo a porta voz da criança/pessoa com TEA.

**PALAVRAS - CHAVE:** Família. Autismo. Experiência. Aprendizagem

## **ABSTRACT**

The writing of this research aimed to describe the listening of a family about how occurred the diagnosis of Autism Spectrum Disorder - ASD in the eldest child, the adaptations and changes that the family members had to make and the challenges faced, with regard to the teaching and learning environments (family and school). The work was developed through bibliographical readings related to the theme: Braga (2018), Mayer (2020), Cunha (2017), Bardin (2016) and the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5 - 2014). These sources brought the importance of getting to know the autistic person and what happens to them, besides, to comprehend how affectivity is healthy in the family or school context. Through a qualitative approach, this writing permeated a case study with observations to identify the challenges and adaptations that the family faced the importance of specialized professionals in care and early diagnosis. This study also shows that the Neurodevelopmental Disorder is described as a spectrum, because the characteristics vary and can compromise the individual's development, social life, behavior and communication, causing specific challenges in learning in two important environments for the development of the child: family and school. This work can be a contribution for academics who want to know a little about the theme and the educational development of children with ASD, both for the community and for all families who want to learn through a description of a family experience. This experience was discussed in a sensitive and real way, bringing an experience that can be developed in other studies and research, and about how much the family becomes a safe haven and at the same time the spokesperson for the child/person with ASD.

**KEYWORDS:** Family. Autism. Experience. Learning

## **LISTA DE SIGLAS**

AEE - Atendimento Educacional Especializado

DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

PPP - Pesquisa e Prática Pedagógica

TEA - Transtorno do Espectro Autista

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

ZDP - Zona de desenvolvimento proximal

## SUMÁRIO

<b>1 – O COMEÇO DE TUDO: OS PRIMEIROS PASSOS DO CONHECIMENTO</b>	12
<b>2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O AUTISMO E AS INFINITAS POSSIBILIDADES</b>	16
2.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.....	16
2.2 - ALGUNS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS E LEGAIS .....	23
2.3 - EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DO AUTISMO NO AMBIENTE FAMILIAR .....	26
2.4 - APRENDIZAGENS NO ÂMBITO EDUCACIONAL E NO CONTEXTO FAMILIAR.....	30
<b>3 - UM CAMINHAR PARA NOVAS APRENDIZAGENS: metodologia e procedimentos</b> .....	35
3.1 AS INFINITAS POTENCIALIDADES DA OBSERVAÇÃO: a maneira como vejo o mundo.....	37
3.2 - APRENDIZAGENS FAMILIARES: O OLHAR DA ENTREVISTA.....	41
<b>4 - O CAMINHAR PARA ALÉM DAS PERSPECTIVAS CONCLUSIVAS</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60
<b>APÊNDICES</b> .....	64
<b>ANEXOS</b> .....	70

## **1 – O COMEÇO DE TUDO: OS PRIMEIROS PASSOS DO CONHECIMENTO**

Primeiramente peço licença, a você leitor (a) para falar em primeira pessoa. Faço isso por meio da minha escrita, explicando para vocês minha conexão com o tema aqui proposto. Todo o conhecimento que foi adquirido sobre o assunto, decorrerá de forma clara, para que você possa ter a possibilidade de conhecer a respeito da minha temática, sendo de extrema relevância para o meio acadêmico, desenvolvendo nesse trabalho meu conhecimento e informação, já que ocorreram fatores que me aproximaram dessa área e do contexto voltado para a educação especial, mas especificamente quero falar sobre autismo.

Delineio aqui algumas das minhas perspectivas e porque escolhi este tema. Não apenas porque me chamou a atenção, mas porque muitas pessoas ainda não sabem como lidar com crianças autistas, principalmente no convívio familiar e escolar, por falta de informações adequadas de como estabelecer uma relação afetiva no auxílio da intervenção dessa criança. Há casos de pais com medo do preconceito e exclusão, por isso evitam sair com os filhos nos lugares, seja nos parquinhos ou em festinhas entre familiares, justamente por medo de seus filhos sofrerem críticas e julgamentos.

A família se torna um divisor de águas na busca de direitos de igualdades para seus filhos, batalhando e estando sempre à frente dos empecilhos e desafios existentes. De antemão, já solicito a quem estiver lendo esta pesquisa, mesmo nas situações adversas e de dificuldades, jamais escolha restringir seu filho, de aproveitar os lugares e ambientes mesmo que também, e infelizmente, ainda existam pessoas sem o conhecimento sobre o autismo, e acabam fazendo julgamentos. No entanto, devemos entender que direitos iguais são direitos de todos e isso inclui todas as pessoas independente da sua característica ou deficiência. O que motivou a pesquisa, foi a vontade de conhecer mais sobre o assunto, e assim contribuir com o meu no conhecimento a ampliar os estudos sobre a referida temática.

A temática sobre o autismo está comigo há algum tempo, meu interesse vem de alguns anos atrás ao analisar uma criança no ambiente que frequento, esse ambiente é igreja quando descobri pela primeira vez a palavra autismo.

Percebi algo diferente no seu olhar, na sua forma de se comunicar e seu sorriso sempre expressando algo. Um tempo depois descobri que essa criança tinha autismo. Curiosa em saber o que significava, descobri que tinha uma mini biblioteca próximo do meu bairro. Lá busquei nas redes sociais o conceito, porém naquela época não me aprofundei a respeito, e não sabia o que eram fontes concretas.

Assim que entrei na faculdade, próximo de finalizar o segundo período da graduação, descobri um primo na família que foi diagnosticado com autismo leve. No quarto período dos meus estudos, tive uma experiência fantástica com a elaboração de um projeto de pesquisa fictício, apontando um assunto que você desejasse escrever. Uma amiga me sugeriu um livro e para a minha surpresa, o conteúdo do livro era justamente sobre autismo, voltado para o público de pais e profissionais da área da educação e saúde, era como um guia básico para pais e profissionais. Naquele momento, descobri qual seria o meu tema do projeto. Assim, fui apontando assuntos a respeito do autismo, coletando pesquisas e dados de fontes confiáveis durante a elaboração do referido projeto.

Fugi algumas vezes do tema, por receio de não conseguir destrinchar da forma correta, mas minha sede por conhecimento, conscientização e vontade de escutar mais sobre o assunto, bradaram de forma mais alta, sendo mais posicionada da maneira que minha mente e meu coração desejavam.

É sobre a existência de famílias que têm pessoas com autismo. Com isso trago a importância de descrever as suas adaptações, o que elas perceberam de mudanças no decorrer da convivência com o autismo na família, como discorreu essa adaptação no ambiente familiar e escolar. Gostaria também de enfatizar aqui que o autismo é uma das questões da exclusão social, em alguns casos as informações são restritas e/ou não chegam da forma correta, portanto acaba se estabelecendo uma dificuldade de compreensão sobre o assunto.

Por causa disso tudo, a existência de famílias que ainda não sabem lidar com a situação, principalmente quando falamos de primogênitos, com idealização e sonho a respeito dessa criança. Só que a situação requer instrução e acompanhamento, procurando de forma correta profissionais especializados e pais que já estejam nessa experiência e tenham provado desse autoconhecimento de sentir e transmitir segurança para seu filho.

Isso pode trazer outra perspectiva da família para o desenvolvimento das vivências, experiência e aprendizagem das crianças. Essa família pode ajudar outras pessoas que têm certas limitações ao abordar a criança com autismo, contribuindo com suas experiências, convívio, e no desenvolvimento da aprendizagem, pois é sabido que todo começo é difícil, em algumas situações não sabemos por onde começar, as dúvidas são imensas, mas o conhecimento é composto por infinitas possibilidades.

O tema relacionado ao autismo surgiu logo após uma finalização de um projeto de pesquisa fictício da Disciplina: PPP-IV Com o professor Drº Cosme Batista, durante o quarto período da graduação em 2019, porém, o tema não se encontrava delimitado na época da produção dessa pesquisa.

Como a educação é um exemplo disso, foi através das perguntas que comecei a me fazer, a partir da construção do projeto fictício, questões norteadoras como: quais as adaptações ocorridas no contexto familiar? Quais métodos são utilizados em casa para o desenvolvimento da aprendizagem da criança? Pensando nisso, a família é a constância dessa trajetória, percebendo a importância da escuta dos familiares sobre o Transtorno de Espectro Autista, a contribuição da escola no desenvolvimento da criança e o olhar sob as possibilidades acerca do assunto.

Esse é o mote desta pesquisa. A partir dessas percepções, foi possível verificar o que os autores descrevem sobre as experiências familiares que tem pessoas com autismo. Mas, trago minha pesquisa de forma a acrescentar e ressaltar a importância da família no desenvolvimento da criança, descrevendo as adaptações, os desafios e o que elas perceberam de mudanças no decorrer da convivência com o autismo na família.

No referente trabalho, tive como objetivo geral compreender a importância da escuta dos familiares sobre o TEA e a percepção sobre a contribuição da escola no desenvolvimento da criança e o olhar sob as possibilidades acerca do assunto. Fiz também de maneira breve um percurso sobre o TEA, suas definições, características e especificações, identificando as possíveis adaptações vivenciadas pela família, a organização na perspectiva familiar e escolar (um olhar de dentro para fora) sobre as transformações ocorridas no

ambiente familiar e apontando os desafios no convívio e na socialização dessa criança autista.

Com isso, meu estudo de caso foi também um caso na família, tendo um parente com diagnóstico de TEA. Enriquecendo o trabalho de maneira metodológica numa forma qualitativa. Esse trabalho foi elaborado em seções, na perspectiva de elucidar de forma explicativa sobre o tema da pesquisa. Apresentando o destrinchar geral dos procedimentos de abordagens do tema, da fundamentação teórica, conceituando o TEA e as infinitas possibilidades.

Assim, esta pesquisa foi dividida em tópicos: breve abordagem sobre o TEA, descrevendo algumas características dos estudos, pontuando alguns aspectos históricos e legais. No segundo tópico, foram desenvolvidas as experiências e vivências no convívio familiar, trazendo uma abordagem da família a respeito do TEA, o diagnóstico, as adaptações e desafios, as experiências através do conhecimento apontando sobre o que mudou na família e como isso pode influenciar algumas famílias a investigar e pesquisar, o que for melhor para seu filho e filha.

No último tópico, trago as aprendizagens e as mudanças no decorrer da descoberta do autismo, mostrando os métodos no contexto familiar e escolar da criança, compreendendo da melhor maneira possível que o ensino e a aprendizagem refletem no desenvolvimento.

Este estudo, na minha compreensão, torna-se relevante para os profissionais da educação em fase de conhecimento sobre o desenvolvimento da criança com TEA, bem como sua família, uma necessidade crescente tanto dos profissionais da educação quanto das famílias compreenderem o TEA. E como a experiência familiar pode contribuir para o desenvolvimento do assunto e auxiliando o professor(a) em sala de aula tendo como função de sintetizar as principais descobertas científicas sobre um tema proposto e apresentar os resultados obtidos para uma análise mais aprofundada.

No próximo tópico, veremos um pouquinho de forma bem explicativa uma abordagem sobre as infinitas potencialidades do transtorno do espectro do autismo, com suas características, especificações e a importância de conhecer os pequenos detalhes.

## **2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O AUTISMO E AS INFINITAS POSSIBILIDADES**

Nesse momento, serão trazidas questões a respeito do autismo e as infinitas possibilidades que todo autista tem, seja criança, adolescente, jovem ou adulto. Em torno de suas características e diferenças, podemos conhecer um pouco sobre um tema tão amplo e significativo, a capacidade de conhecer e entender um pouco sobre o que o estudo pode oferecer. O autismo é cheio de potencialidades, basta acreditar e buscar auxílio através de pessoas capacitadas para proporcionar um suporte adequado, confie no seu filho/filha, ele/ela pode ir além.

Entender que os autistas merecem respeito e seu lugar nos espaços para se manifestar, se expressar e que tem direitos como todos, é um grande passo social. Para a maioria das pessoas autistas, sua voz é conduzida pelos pais ou cuidadores. Com isso, a família torna-se um elo intenso e direto entre conhecimento e desenvolvimento. Essa é a importância da (inter)mediação, desta forma todos aprendem juntos.

Agora com o tema delimitado, trago uma abordagem concreta, com significado importante, proporcionando um conhecimento a mais sobre a família, o autismo e as vivências relacionadas à aprendizagem.

### **2.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS**

Nesta sessão trago o conceito de autismo, e suas características, conhecendo a respeito de uma temática cheia de diversidade. Alguns aspectos históricos e legais que possibilitaram o direito das pessoas com deficiência independente da sua característica. O direito é afirmativo por isso precisamos estar atentos às novas descobertas.

Antes de começar, quero explicar a diferença entre síndrome e transtorno. Ainda existe uma dificuldade de identificação porque as pessoas frequentemente confundem autismo com uma síndrome, mesmo tendo definições diferentes, cada um com seu conceito. Apresento uma pequena abordagem sobre a

síndrome no parágrafo subsequente, mas é necessária uma melhor investigação já que existem diversas síndromes, pois independente do assunto é considerável um estudo mais significativo.

Vagheti (2020) descreve no seu blog que as palavras síndrome e transtorno não são sinônimos, é importante a compreensão verdadeira dos conceitos citados. A síndrome não tem uma causa clara, podendo ser uma reunião de vários conjuntos de sintomas ou características que podem gerar uma determinada condição sendo algo genético ou não, em alguns casos podendo vir a desaparecer.

O site Estância Bela Vista (2019), na descrição sobre: **Qual a diferença entre síndrome, transtorno e distúrbio?** aponta que no conceito de síndrome, podemos analisar algumas informações importantes quanto às definições, pois não possuem uma causa clara. Ela tem origens diversas. Como resultado, o diagnóstico é de difícil acesso e não é estabelecido com precisão, devido aos múltiplos sinais e sintomas. Podemos analisar alguns exemplos de síndromes que ocasionam vários sintomas, em alguns aspectos são característicos e perceptíveis como a Síndrome de Down, e em outros mais complexos. Exemplos de síndromes mencionadas no site: Síndrome do Pânico (SP); Síndrome Guillain-Barré (SGB) e Síndrome de Down (SD) dentre outras síndromes.

Trago como exemplo a Síndrome de Burnout que afeta a vida social das pessoas, chegando ao ponto de desestruturar o convívio. As evidências de Cândido e Souza (2017, p.4) demonstram que

O indivíduo afetado pelo burnout tem menos interesses em práticas inovadoras e apresentam um desgaste quando exigido criatividade e maior comprometimento com o trabalho.

São vários os sintomas desde uma dor de cabeça até um isolamento social. Importante procurar um especialista para um melhor tratamento. Isso, foi um exemplo de síndrome que prejudica o desempenho social da pessoa, tendo diversas fases de sintomas. Já houve uma época em que essa síndrome era presente em grande parte dos professores. A síndrome traz um significado ligado a uma “reunião”, apresentando diversos sintomas e sinais que podem estar ligados a diversas causas.

No mesmo *site* Estância Bela Vista (2019), no que diz respeito ao conceito de Transtorno e suas especificações, descreve que o transtorno pode afetar os relacionamentos e a comunicação entre as pessoas. Pode causar uma mudança significativa dentro do sistema que demonstra muito claramente que houve uma mudança na cognição com direcionamento no afeto e humor com as pessoas, não significativamente em todos os aspectos, mas pode ser perceptível, no comportamento. É algo claro e muito específico chegando a fechar um diagnóstico preciso. No decorrer da explicação, mostra exemplos de alguns transtornos que são separados em tipos e estão relacionados ao estado do ser humano: Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC); Transtorno de Déficit de Atenção (TDA); Transtorno de Bipolaridade (TB) e Depressão, dentre outros. No transtorno, a parte do cérebro afetada é a parte frontal. Nessa parte ocorre a falha de estímulos, causando déficits no desenvolvimento de tarefas relacionadas à memória e à leitura.

A palavra que se diferencia é o distúrbio que provoca uma alteração nas questões físicas e mentais do ser humano, podendo atrapalhar o funcionamento de sua rotina, causando disfunções na parte parietal do cérebro, área que permite respostas como a linguagem, afetando também o processo de aprendizagem.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) será tratado aqui de forma mais específica. O TEA como em qualquer outra situação, requer uma visão mais equilibrada, por isso, é preciso ver as fases da vida de um indivíduo, precisamos ver as características e não a limitação. Precisamos também entender que existem desafios a serem percorridos, incluindo aqueles que abrangem o espectro. Na prática, uma pessoa com autismo vê o mundo de forma diferente, ou seja, individualmente, em relação ao todo, mas, não significa que a pessoa autista não queira interagir ou se comunicar. Ela quer, mas também requer atenção em determinadas situações vivenciadas principalmente na infância.

Braga (2018), afirma que no Brasil a probabilidade de incidência é grande, no que diz respeito ao TEA, chegando a uma quantidade estatística de mais de 2 milhões de pessoas diagnosticadas, mas o porcentual pode ser maior, devido à falta de acesso às informações adequadas. Por causa disso, mudanças ocorreram no manual de diagnóstico DSM-IV para o DSM-V e causaram algumas

polêmicas dividindo opiniões entre os especialistas na área. Assim, aponto os autores Araújo e Neto (2014) que falam sobre as modificações feita pelos atuais autores do DSM-5:

Os autores da atual versão apontam que as modificações realizadas foram baseadas na melhor evidência científica disponível. Os critérios diagnósticos foram exaustivamente avaliados em estudos de campo buscando verificar a utilidade, validade e confiabilidade de cada um deles e os sintomas que suscitavam dúvidas foram trabalhados novamente de forma mais precisa (ARAÚJO; NETO;2014, p.82)

Uma das críticas principais inseridas no DSM-5 foi que essa nova classificação torna os critérios com pouca intencionalidade no diagnóstico, ocorrendo um aumento de pessoas diagnosticadas com algum transtorno. Apesar desse questionamento podemos observar nos estudos de materiais científicos, que hoje o diagnóstico pode ser precoce. Alguns anos atrás teria que esperar a criança crescer um pouco mais, tornando o diagnóstico tardio, mas existe um ponto negativo, houve um grande índice de diagnósticos sem um aprofundamento ideal e necessário. Portanto, o manual do diagnóstico é utilizado por profissionais especialistas na área. Em contrapartida as autoras Habowski e Campos (2019) descrevem a mudança ocorrida no DSM-5 sobre o transtorno do espectro autista, com uma a abordagem importante para descrição:

O Transtorno do Espectro Autista engloba transtornos antes definidos em categorias (Ex: autismo infantil precoce, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e Asperger); comporta todos os transtornos em apenas um diagnóstico conforme o grau de severidade. Existem diferenças significativas entre os transtornos citados, apesar de comportarem condições semelhantes. Ainda assim, o DSM-V permite que o Transtorno do Espectro Autista seja diagnosticado como comórbido, para tanto se faz necessário o diagnóstico relativo à estruturação psíquica (HABOWSKI; CAMPOS; 2019, p.2)

O Transtorno do Espectro do Autista, hoje TEA, vivenciou diversas nomenclaturas durante todo o percurso da sua descoberta, foram adjetivos preconceituosos que infelizmente chegaram a ser utilizados pelos médicos

durante as consultas. Hoje é caracterizado pelo (DSM-5)<sup>1</sup> como um dos transtornos do neurodesenvolvimento, sendo escalado em três níveis diferentes: leve, moderado e severo. Para melhor compreensão de todos, de uma forma suscita mas bem explicativa, trago a elaboração de um quadro com informações sobre as características de cada nível do autismo, e a importância da comunicação social, e o quanto o apoio é essencial no seu desenvolvimento dessas crianças, algumas especificações que diferencia cada grau, no quadro a seguir que se encontra no DSM-5 (2014) descreve pontos específicos sobre o TEA, classificando-os em três níveis diferentes referente à comunicação social:

**Quadro 1 – Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista**

<b>Nível 1-TEA (leve) Exigindo apoio</b>	<b>Nível 2-TEA (moderado) Exigindo apoio substancial</b>	<b>Nível 3-TEA (severo) Exigindo apoio muito substancial</b>
A ausência de apoio, causa déficit na comunicação social e prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	A ausência de apoio substancial, causa déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	A ausência de apoio muito substancial, causa déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.

Fonte: Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais - DSM-5 (2014, p. 52)

Por isso, é fundamental contar com apoio e amplo entendimento. Sempre que for comprovado essa necessidade, toda pessoa com TEA precisa de um acompanhamento, essa afirmação também está na nossa legislação, mas não

<sup>1</sup> Fonte: Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – DSM-5 (2014).

significa que a criança não desenvolva uma autonomia e independência, essas crianças desenvolvem e podem chegar a não precisar mais de um acompanhante. Tudo começa nos mínimos detalhes. Independentemente do nível, o que importa é o suporte necessário para a interação e comunicação do grupo, bem como as melhores formas de desenvolver essa comunicação e os métodos que podem ser empregados. Considerando que cada nível exige um suporte alguns mais mínimos, outros em suportes mais substanciais, mas todos requerem atenção e um olhar aguçado para suas necessidades individuais.

O DSM-5 apresenta critérios para uma elaboração do diagnóstico do TEA. Esses critérios são caracterizados por um déficit persistente, que são dificuldades de comunicação e interação social, afetando alguns contextos de socialização como reciprocidade, comportamentos não verbais e dificuldade em desenvolver e compreender relacionamentos. Afirmando que os sintomas mudam com o desenvolvimento.

Analisando o conteúdo anterior, percebemos que pessoas com essas características, acabam sofrendo vários danos em diferentes aspectos sejam na interação social ou comunicacional, por exemplo a comunicação social é de suma importância quando se trata de sobrevivência no ambiente social, pois é completamente impossível vivermos isolados do mundo e de todos. Vivemos em um mundo acelerado e intenso, por isso a comunicação se torna uma aliada no desenvolvimento social. É importante não rotular as pessoas, cada um tem suas características e diferenças.

Segundo as pesquisas, Reis et al. (2020) afirmam que o diagnóstico, pode ter as primeiras evidências através dos relacionamentos familiares, quando os pais começam a perceber algumas características notórias e específicas em seus filhos, quando as crianças geralmente estão na idade de 2/3 anos, sendo que especificamente os primeiros a entrarem em contato com a criança e família, são os médicos pediatras, são esses médicos que estão com um contato mais significativo com essa família, podendo analisa e verificar questões plausíveis para identificação do autismo, encaminhando para os especialistas da área pra chegar em uma conclusão concreta. O transtorno do espectro autista se manifesta de formas diferenciadas em cada indivíduo. Os autores Gadia,

Tuchman e Rotta (2004, p. 84), definem algumas características comportamentais da seguinte forma:

Os padrões repetitivos e estereotipados de comportamento característicos do autismo incluem resistência a mudanças, insistência em determinadas rotinas, apego excessivo a objetos e fascínio com o movimento de peças (tais como rodas ou hélices).

Seguir uma nova rotina não é fácil. Imagine para uma criança autista, que já se adaptou a uma determinada rotina que levou meses para conseguir. Esse autista pode em algum momento insistir nas rotinas anteriores. Uma das características na criança autista é o interesse intenso por algum objeto, porém esse interesse pode variar. Isso pode ser mais percebido pelos pais, por pessoas que acompanham ou que sejam responsáveis por essa criança. Sobre o processo de configuração do TEA, no desenvolvimento da criança, Braga (2018) descreve alguns pontos importantes sobre o transtorno:

Nesse sentido o TEA configura-se como um transtorno de início precoce, com características marcantes no processo de desenvolvimento global da criança, comprometendo principalmente o desenvolvimento funcional da linguagem – fala e comunicação, que por sua vez prejudicar diretamente a capacidade de interação social (fala + comunicação + interação social = comunicação social) (BRAGA, 2018, p. 19).

Podemos compreender que o diagnóstico só pode ser ofertado, através de observações e relatos familiares sobre tal comportamento da criança em determinados aspectos, algum comportamento em que os pais identificaram algo diferente, ou seja, esse diagnóstico é clínico-observatório.

Um fato sobre as crianças autistas é que elas gostam de isolamento, tornando-se extremamente necessário ficar sozinha, pois para algumas crianças autistas, o contato social ou mesmo físico se torna evasivo, causando desconforto. Algumas mudanças de comportamento podem ocorrer quando a criança fica por algum tempo longe do ambiente escolar, férias, por exemplo (CARVALHO, 2016). Esclarecendo que nem todas as crianças autistas agem dessa forma, já que cada criança tem aspectos diferentes, e todas são propensas às mudanças, essa pode ser uma das características diferentes.

Almeida et al; (2018, p. 78) apontam que “O aumento da prevalência do transtorno nos oferece um cenário futuro em que todas as instituições deverão criar condições para acolher os indivíduos afetados”, as pesquisas atuais nos mostram o quanto o quadro do diagnóstico cresceu, as características estão mais notáveis e os métodos mais avançados. Com tudo isso, é notória a importância que as instituições causam na família e na criança, esse aumento requer condições melhores, isso inclui estrutura física, profissionais especializados e acima de tudo amor ao próximo.

No próximo tópico, alguns acontecimentos que marcaram o conceito sobre autismo, que ainda não foram percorridos em relação às abordagens e sobre a relevância no desenvolvimento. As leis conquistadas com muito esforço e perseverança, hoje fortalecendo não só a comunidade autista, mas todos e todas que abrangem esse mundo que lutam e persistem pelos seus direitos de igualdade e oportunidade.

## **2.2 - ALGUNS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS E LEGAIS**

Nesse tópico, veremos alguns eventos como acontecimento histórico ou legal. Entre eles uma das primeiras identificações do autismo, mas antes que surgissem as primeiras definições, as pessoas com TEA eram marcadas com palavras pejorativas, o que hoje é inaceitável. O surgimento de uma declaração dando direito para qualquer pessoa independentemente de suas características para estar em uma escola. Por fim, as leis que surgiram depois de muito esforço de pessoas que lutam e correm atrás dos direitos dos autistas, e muitas dessas pessoas são pais. Alguns acontecimentos surgiram: discussões, conversas, seminário que se configuraram em leis. Duas dessas leis foram atribuídas, por uma mãe e um pai em busca dos direitos de seus filhos e de todos que precisam ser ouvidos.

Braga (2018, p. 26) nos afirma, “portanto, todas as pessoas com esses comportamentos e prejuízos cognitivos eram tratados como ‘débeis mentais profundos’, além das confusões com outros termos diagnóstico”. Durante a época de 1940, os adjetivos mencionados para pessoas com autismo, termos usados por médicos durante consultas, eram desumanos.

Em 1943 durante uma observação clínica, ao analisar algumas crianças, o psiquiatra infantil Leo Kanner, identificou algumas características que não se encaixavam no quadro existente da psiquiatria infantil, surgindo os primeiros estudos formais sobre o “autismo infantil” (CUNHA, 2017). Eram estudos das primeiras avaliações e perspectivas daquela época, ainda não se tinha conhecimento exato a respeito do transtorno, mas tinham algumas investigações. Anos se passaram, cientistas e estudiosos avançaram nas suas pesquisas de conhecimento, buscando cada dia novas descobertas. Mesmo com uma visão ampliada sobre o conceito nos dias atuais, determinadas questões ainda são incertas, como a causa específica do autismo.

Abordando sobre a questão que marcou historicamente a educação inclusiva de uma forma ampla e com direcionamento na respectiva das necessidades especiais, foi o marco Declaração de Salamanca (1994), considerado um dos marcos mundiais importantes para a educação/escola inclusiva. Esse documento afirma que:

Inclusão e participação são essenciais à dignidade e ao desfrute e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, estas concepções refletem-se no desenvolvimento de estratégias que procuram alcançar uma genuína igualdade de oportunidades (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.11)

Se todos têm o direito de frequentar uma escola e aprender, é importante que a equipe escolar e os professores elaborem as possíveis estratégias para garantir que todos aprendam e sejam incluídos em todos os ambientes. Se todos em conjunto colaborarem, podemos construir um ambiente propício para todos, sem diferença. Salas de aula inclusivas são direito de todos(as), com oportunidades de aprendizados em todas as relações.

Assegurando alguns direitos legais que a pessoa com deficiência tem, trago três leis importantes que asseguram direitos e benefícios a todos, e duas delas foram adquiridas com luta constante de pais, para assegurar os direitos legais dos seus filhos e de todo um grupo de pessoas, que infelizmente ainda sofre repressões da própria sociedade.

BRASIL (1996) a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, descreve algo muito importante e por ser um grande marcador do direito da educação em nosso país, uma grande conquista alcançada para todos. Essa lei de 1996 afirma que,

a educação é um dever da família juntamente com o Estado, uma inspiração sobre a liberdade e solidariedade humana para todos, seu desenvolvimento foi com a finalidade de desenvolver o educando.

A Lei conhecida como “Lei Berenice Piana” sancionada em 27 de dezembro de 2012 no Brasil, no Art. 3º estabelecendo direitos à pessoa com TEA (BRASIL, 2012). Em homenagem a uma mãe militante que lutou em prol da causa do autismo e em busca dos direitos do seu filho e toda pessoa com TEA. Essa Lei trouxe benefícios que favorecem as pessoas com autismo e principalmente as crianças que necessitavam estar em uma sala de aula para estudar, muitas famílias desconhecem esses benefícios, por falta de informações necessárias para identificação e conhecimento, uma lei que garante à pessoa com autismo direito à matrícula em uma escola regular comum, entre outros benefícios.

Buscando assegurar os direitos da pessoa com deficiência, também criaram para garantir o direito de igualdade e inclusão a Lei Nº 13,146, 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015). Promovendo liberdade das pessoas com deficiência, nos seus respectivos direitos, caminhando com uma sociedade que seja inclusiva, a jornada continua sendo árdua, mas, esses acontecimentos se tornam importantes feitos para essa comunidade.

Estabelecendo uma segurança maior, para pais com filhos(as) diagnosticados(as) com TEA, é sancionada a Lei Nº 13,977 no dia 8 de janeiro de 2020 “Lei Romeo Mion”. Garantindo a “(Ciptea)”<sup>2</sup> (BRASIL, 2020). Essa Lei foi uma luta de todos os pais, mas em primeira mão um pai buscando os direitos do seu filho, que viu a necessidade de uma carteirinha de identificação, auxiliando nas informações necessárias sobre a criança, principalmente em casos de viagens para outras localidades. Nessa carteirinha tem informações de critério de conhecimento de identificação do filho, como: número de contato, tipo sanguíneo, se tem algum tipo de alergia, dentre outros.

Esse foi um breve resumo sobre as questões legais sobre o autismo e as conquistas até agora asseguradas. Em seguida, descrições a respeito do contexto familiar e a colaboração educacional, o que os autores conseguiram

---

<sup>2</sup> Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

abordar e transcrever de forma sensível sobre as experiências da família, toda conquista e reconhecimento a respeito do seu filho(a). E o quanto podemos aprender, com todas essas vivências desde os desafios até as adaptações.

### **2.3 - EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DO AUTISMO NO AMBIENTE FAMILIAR**

A conexão é uma esperança da família, na perspectiva de criar um vínculo de sentimento e compreensão com a criança. Nesta sessão apresentaremos as vivências e experiências do autismo na família. Os desafios enfrentados pelos pais de crianças com TEA, quais as adaptações e aprendizados.

De acordo com as evidências de Magalhães et al. (2021), o diagnóstico causa uma aflição na família, encadeando uma repercussão, trazendo algumas angústias por parte, principalmente, das mães de como compreender e atender essas peculiaridades de seus filhos(as), elas também enfatizam toda a experiência de conciliar trabalho e cuidado do filho, pois a família precisa se manter financeiramente para auxiliar no cuidado da criança, daí a importância do suporte adequado para a família dessa criança, lembrando que é importante o cuidado emocional.

Este estudo evidenciou durante as pesquisas, que a família considera que é importante manter firme a harmonia em meio às dificuldades do cotidiano. Além disso, os autores identificaram uma parte negativa, como a família se concentrar intensamente na criança, fazendo com que, em determinados momentos, a criança se afaste do social, por medo do preconceito (MACHADO; LONDERO; PEREIRA, 2018)

Neste ponto, analisamos que, devido a determinadas situações, os pais preferem manter os filhos mais reservados, em muitos casos evitando o contato da criança com o meio social. Dessa forma, a criança não tem chance de se comunicar e se relacionar com outras pessoas, não é intenção da família fazer isso, mas o medo e apreensão de como as pessoas reagiram ou falaram sobre isso, deixam a família com um sentimento de incerteza. Mas, é preciso deixar as coisas fluírem, conhecer a criança torna tudo mais simples, mesmo sabendo que

as coisas mudam com o tempo, o aprendizado sempre será constante e o conhecimento também.

É importante que a família observe os pequenos detalhes, principalmente aqueles ligados aos padrões repetitivos, mas antes é necessário conhecer a pessoa autista, “Embora algumas crianças pareçam brincar, elas se preocupam mais em alinhar ou manusear os brinquedos do que em usá-los para sua finalidade simbólica” (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004, p. 84). Conhecer alguns comportamentos e características da criança é de grande importância, dessa forma o reconhecimento de algumas percepções se tornam válidas no momento do diagnóstico, os pais são conhecedores de todos os aspectos diferentes. Mesmo assim, algumas notícias são dolorosas de ouvir, principalmente quando não estamos preparados, o próximo parágrafo relata as três emoções vivenciada pela família pós diagnóstico.

Segundo Braga (2018), a notícia do diagnóstico é um impacto para os familiares, passando por três emoções: durante a realização da consulta, algumas famílias acabam saindo do consultório desorientadas, sem saber o que fazer, passando nesse momento pela primeira fase a de negação. Sem conseguir acreditar no diagnóstico, procuram passar por outros especialistas, para convalidarem através de diversas comprovações. Após isso, a família começa a passar pela fase de adaptação, quando a família perde a “criança tão sonhada”, e passa a buscar se adaptar ao momento real em busca de informações, finalizando com a fase de aceitação, o momento em que a família tem uma visão mais ampla da criança, vivenciando um vínculo maior de interação e confiança.

Sob o ponto de vista de Mayer (2020), toda a busca por tratamentos tem que ser centralizada com foco no desenvolvimento da criança. A autora discute, sobre uma experiência ruim durante sua busca por tratamento para o filho, tudo ocorrido em uma clínica multidisciplinar, no qual a profissional ditava como o filho deveria se comportar, evitando seus movimentos estereotipados e exigindo que ele a olhasse nos olhos o tempo todo. A criança saia exausta do consultório e por vezes ocorreram crises terríveis. A mãe tomou uma decisão, buscou outros cuidados para seu filho procurando um lugar que o acolhesse e não o retraísse. É preciso que a família entenda que a busca é constante, talvez a primeira

experiência não seja agradável, mas existem outros profissionais, especialistas e ambientes que a criança se sinta confortável.

Tendo conhecimento das lutas enfrentadas pela família, o que estremece é o estabelecimento do diagnóstico, pois nem sempre as características comportamentais, vistas pela família, mesmo que precocemente, em alguns casos as evidências não são literalmente concretas, passando por situações de incerteza (MAPELLI, 2018).

Seguindo com a descoberta do diagnóstico na família, a autora e mãe de uma criança autista, descreve no parágrafo a seguir com clareza, que aceitar é agir frente o autismo. Mayer (2020, p.53), diz que

Aceitar o autismo não quer dizer não agir, não lutar, mas, sim, respeitar o nosso filho de forma integral, buscar o melhor para ele dentro das suas habilidades, possibilidades e adaptar o que for necessário [...].

Aceitar é acreditar na evolução da criança, saber que o diagnóstico jamais será um ponto final, através do amor e um acompanhamento especializado, uma intervenção conjunta entre: escola/família/especialistas. Essas crianças podem evoluir constantemente, criando infinitas possibilidades de aprendizados, ensinando às pessoas que a palavra limitação é um degrau a ser avançado.

A autora Mayer (2020) ainda descreve em seu livro, uma sugestão de opção de ferramenta a ser utilizada. Essa ferramenta apresenta orientações vivenciadas por ela e direcionadas à compreensão de familiares e pais, que estão no processo de conhecimento do comportamento característico da criança desenvolvido de forma didática através de anotações e observações. Ela acredita que desta forma a família poderá compreender o que incomoda e a causa de crises sensoriais ou emocionais.

O quadro abaixo contém sugestões que possam ser utilizadas por pais que ainda não sabem o que fazer em momentos de crise da criança autista. Proporcionar um mapeamento das coisas que estão desorganizadas e causando crises, ajudará a diminuir esses efeitos que a família está vivenciando em determinados momentos, muitas vezes incertos e incompreensíveis.

## Quadro 2 - Mapa mental para auxiliar em momentos de crises

1. Sensorial:	2. Emocional:	3. Comunicação:	4. Comportamento:
Anote as sensações que mais a desequilibram, que mais tem sensibilidade. Escreva também as sensações e as atividades que a criança busca para se sentir melhor.	Anote os sentimentos que a criança demonstra na desorganização. Por exemplo: frustração, estresse, insegurança etc.	Escreva as barreiras que tem para estabelecer uma comunicação com você. Em quais locais a comunicação é mais fácil? Quais estratégias funcionam para ampliar a comunicação?	Quais os comportamentos que apresenta que são inadequados? Quais momentos apresenta tais comportamentos? Relacione algumas condutas que você deseja ensinar e passar para a criança.

Fonte: Elaboração pela autora, conteúdo dos dados Mayer (2020, p.87)

Esse quadro aponta o que pode ser feito em alguns momentos de crise: sensorial, emocional, comunicacional, e comportamental para que possam “aliviar” algumas incertezas da família. É importante que o familiar ou cuidador da criança autista precise ter um pouco de cuidado ao interpretar determinados comportamentos. A criança pode estar em um momento de crise sensorial, que naquele momento não sabe explicar o que está acontecendo. Por isso, é importante conhecer, entender o comportamento, descobrir o que o causa e de alguma forma ajudar a construir momentos que ajudem e auxiliem em momentos difíceis. Lembrando que essas sugestões não substituem a terapia integrada, que também é importante para a criança. A importância dos sistemas sensoriais, quando entendemos que a informação permeia de uma forma diferente, começamos a entender melhor os momentos.

No que diz respeito, sobre aquilo que atrai uma criança autista, as autoras Rogers, Dawson e Vismara (2015) descrevem que é importante a percepção do "holofote". Crianças autistas gostam e têm uma interação com objetos, brinquedos que possam manipular, por isso é pertinente que identifique e observe todas as coisas que a criança gosta de fazer. As interações sociais, se tornam algo bastante importante no desenvolvimento da criança autista.

O estímulo dos pais, em desenvolver uma forma adequada para ela se comunicar com outras pessoas é essencial, pode começar no ambiente familiar,

com aqueles parentes próximos, deixando a criança à vontade, deixando expressar sua comunicação. Várias pessoas ao mesmo tempo se comunicando pode prejudicar a interação, por isso é mais adequado uma de cada vez, isso fluirá mais e o retorno das interações será mais perceptível.

No próximo tópico, trataremos os contextos educacionais e a influências da família no desenvolvimento da criança, uma abordagem sobre a importância afetiva no desenvolvimento da aprendizagem do aluno autista.

## **2.4 - APRENDIZAGENS NO ÂMBITO EDUCACIONAL E NO CONTEXTO FAMILIAR**

Somos uma infinidade de capacidades e possibilidades, basta acreditar que as coisas são possíveis. E quando falamos de educação, não estamos falando de uma única janela aberta, mas de infinitas possibilidades de conhecimento. Conhecer as emoções além dos nossos olhos. Confiar mesmo quando tudo diz não, e imaginar que as coisas são possíveis. Assim apresento esta sessão algumas as formas de aprendizagem da criança autista no ambiente familiar e escolar.

Quando se trata de desenvolvimento humano, logo pensamos na conjunção do âmbito educacional e familiar. As autoras Dessen e Polonia (2007) afirmam que é no ambiente escolar que as crianças se envolvem nas atribuições educativas, tarefas que proporcionam dinâmicas, sejam elas formais ou informais. Assim, os recursos pedagógicos que a escola disponibiliza são indispensáveis na vida da criança. A importância de aproximar a família do ambiente escolar é criar um elo para o desenvolvimento não só do aluno, mas de todos os envolvidos nessa relação.

No contexto atual, as escolas fazem uma solicitação de laudo, para identificação dessas crianças autistas. Dessa forma, a solicitação para se ter assistentes de salas, pode e deve ser encaminhada. Isso não significa se render a um laudo, já que a criança vai além de um diagnóstico. Mas, em sala de aula, essa criança necessita de um acompanhamento, dessa forma, as intervenções adequadas poderão acontecer uniformemente como afirmam as autoras. É

pertinente utilizar o laudo médico, como conhecimento prévio e como função principal de nortear os professores. Hattge e Klaus (2014, p. 332) apontam sobre como é feito o laudo:

O diagnóstico passa a ser visto como uma verdade absoluta sobre o sujeito, de modo que as intervenções, muitas vezes, são restritas à medicalização. Psicologia, Neurologia, Psiquiatria e Fonoaudiologia, dentre outras áreas de conhecimento, são acionadas no sentido de “falarem sobre o sujeito” e “darem conta da sua situação” – medicalização da anormalidade.

Mesmo levando em consideração o conhecimento que o pedagogo tem sobre os seus alunos em sala de aula, é importante considerar em uma reunião outros profissionais para juntos desenvolverem uma intervenção adequada. Pode começar através do estudo de caso, do professor / aluno, assim como do professor / instituição / família e por fim um diálogo entre professor / aluno / especialista na área, atribuindo métodos que auxiliem essas crianças. Através da afetividade se constroem um conhecimento sincero.

Foi nas investigações do conhecimento docente que Castro e Giffoni (2017), visivelmente perceberam que alguns professores não se sentiam preparados para trabalhar com crianças autistas, mesmo tendo conhecimento sobre o assunto. Descrevem que somente a vivência em sala de aula é que prepara esses educadores no desenvolvimento da criança autista, sendo adequada à escola, desenvolver um momento de troca de experiência entre professores e especialistas, para uma melhor alocação de conteúdos adequados e métodos.

Cunha (2017) aponta que uma das conquistas essenciais que os professores podem receber de um aluno autista é o vínculo afetivo, a partir daí podem ser construídos efeitos de desenvolvimento da autonomia da criança, podendo aproveitar essa afetividade e sentimentos, para trabalhar por meio de materiais didáticos as emoções vivenciadas, uma atividade que agrada a todos. Isso é uma construção de conhecimento, você sente e retribui através de um aprendizado estabelecido.

A função do psicopedagogo, seja clínico/escolar é atribuir uma mediação que proporcione o desenvolvimento da criança autista, toda mediação torna o

desempenho proporcional, principalmente quando os pais se envolvem nesse desenvolvimento, criando uma segurança na criança para que ela possa confiar no profissional, percebe-se a importância dos métodos adequados:

Para isso, é muito importante conhecer e estudar técnicas e métodos utilizados em tratamentos de pessoas autistas, como o ABA, o método TEACCH, as PECS, entre outros, pois esse é o profissional que deverá tomar frente na inclusão escolar e também que deverá mediar as relações de aprendizagem da criança autista (BERTOLDI e BRZOZOWSKI, 2020, p. 350)

Adentrando todo um conjunto de relações de desenvolvimento com as crianças, é importante atribuir o conhecimento para as intervenções adequadas, a utilização de métodos que possam adequar-se às crianças. Dessa forma, a adaptação poderá ser mais eficaz. Os autores Bertoldi e Brzozowski (2020), abordam que, ocorrem momentos que a criança necessita de mais atenção individualizada. Em alguns casos, existem momentos de muita dificuldade, que precisa de uma atenção a mais. Quando você estuda novas possibilidades, são criadas ligações para novidades no desenvolvimento.

Mantoan (2003) aborda que, as escolas acabam ainda por ser marcadas por tarefas individuais, com a percepção de que desta forma o aluno acaba sempre por trabalhar sozinho sem uma motivação e objetivo, desta forma todas as tarefas tornam-se sempre comuns para todos. Desta forma, a autora afirma que os alunos tendem a se desenvolver mais em trabalhos e atividades coletivas e diversificadas, as crianças aprendem a interagir, a capacidade de tomar decisões sobre as atividades propostas, divisão necessária, partilha com pares ou grupos dependendo da direção do professor na sala de aula isso é trabalhar em conjunto e acreditar na riqueza da autonomia e independência da criança em tomar decisões e fazer escolhas, o coletivo propõe essa experiência e aprendizagem.

Uma das leituras clássicas e explicativas sobre desenvolvimento e aprendizagem é o livro “a formação social da mente” de Vygotsky do ano 1984, trazendo o conceito da zona de desenvolvimento proximal – ZDP que mesmo com o passar do tempo, continuou sendo um conceito bastante atual. Costa (2006, p. 234), discorre afirmando que: “O conceito de ZDP nos mostra que, com

a ajuda do outro – adultos, professores, colegas mais capazes – a criança terá possibilidades de produzir mais do que produz sozinha”.

É importante um trabalho em conjunto para fundamentar e estruturar a educação com base em propósitos, com perspectivas positivas em relação ao aprendizado dos alunos. Olhar para cada aluno como um ser capaz de produzir, de evoluir, de desenvolver, de aprender. A educação precisa ser pautada na realidade de cada aluno. Com isso, a habilidade do professor consiste em estender a mão, mostrar para o aluno que ele tem a habilidade de fazer o que quiser.

No contexto do artigo – A Afetividade no Desenvolvimento Cognitivo do Aluno com TEA, descrito pelas autoras Leite e Dantas (2020), mostra a importância do processo de desenvolvimento cognitivo do(a) aluno(a) autista, atribuindo a afetividade no seu desenvolvimento de aprendizagem. Mostrando como exemplo a relação efetiva no desenvolvimento cognitivo da criança:

Evidentemente um bom exemplo em relação afetiva no desenvolvimento cognitivo Educacional discorre da dificuldade de linguagem a alunos com autismo, uma vez que a imitação, sinalização, ou falta de gesticulação sejam características nítidas da deficiência, pode ser utilizada no dia a dia da sala de aula, e se torna um processo facilitador de aprendizagem. (LEITE e DANTAS, 2020, p. 45)

Em seguida, podemos analisar a importância da afetividade no contexto escolar, para desenvolver as potencialidades dos alunos com deficiência, evidenciando as múltiplas possibilidades de desenvolvimento cognitivo e intelectual. Dessa forma, a interação na sala de aula e no ambiente familiar se materializa, tornando-se mais forte à medida que a criança se torna independente.

Segundo Cunha (2017) temos que educar para o amor e a interação compartilhada, não para métodos rígidos. O amor tira o homem de uma centralização rígida de uma única possibilidade de método, passando a abrir nossos olhos para um sentimento maior, trazendo-o de volta para o próximo. Com um olhar afetivo e educativo, podemos construir relacionamentos por meio da interação podendo gerar autonomia e emoções compartilhadas, ser sensíveis para compreender. Esse olhar pode vir de vários profissionais e de forma mais específica os profissionais da área da pedagogia.

Descrevendo um pouco sobre a função e as dimensões de atividades que os pedagogos(as) atuam e fazem no ambiente escolar, local que necessite da atuação do profissional da educação, a seguir podemos analisar algumas funções desenvolvidas por esses profissionais:

Tradicionalmente os cursos de formação pensam o pedagogo pela sua participação na direção, no planejamento, organização, execução e avaliação das políticas educativas, no assessoramento aos processos didático-metodológicos, na sistematização do currículo escolar e na coordenação das relações com a comunidade escolar (POOLI; FERREIRA; 2017, p.27).

A função do pedagogo vai além das exigências voltadas para sua profissão, ele também tem a sabedoria de manter um relacionamento junto com as crianças e suas famílias, uma interação com seus alunos sabendo quando eles não estão bem, quando precisam de um cuidado mais redobrado, ajudar em algo que eles estão tendo dificuldades. São os profissionais que ensinam além de sua perspectiva, sempre torcendo pelo desenvolvimento de seus alunos e buscando a melhor forma de entender e ajudar a todos que precisam de seu trabalho, seja qual for o cargo escolhido. Significa olhar para todas as possibilidades, e pensar em como posso ajudar e como contribuir, buscando encontrar os métodos necessários e sempre desenvolvendo o conhecimento de forma didática, um olhar cuidadoso.

Toda criança tem capacidade de aprender, principalmente quando convive em um ambiente adequado e interativo, as coisas se tornam visíveis aos olhos da criança. Um profissional que se adequa, compreende e entende seus alunos torna o aprendizado único, quando se disponibiliza para aprender algo novo, até mesmo para entender assuntos que ainda não tem o domínio, mostra o quanto é sensível e afetivo, tendo a preocupação em entender determinadas situações e transformá-las em soluções com seu próprio aprendizado.

Afirmando que a importância da disponibilização e da afetividade para o desenvolvimento dessas crianças proporciona aprendizagem e comunicação

social. As autoras Lemos, Salomão e Agripino-Ramos (2014). Destacam a seguinte informação sobre as interações no contexto escolar:

Destaca-se a importância de se analisar as interações sociais nos contextos escolares, verificando a participação das crianças autistas e considerando a mediação das professoras e das demais crianças. Compreender que os comportamentos das crianças com espectro autista podem ser influenciados considerando os contextos interativos, a mediação do adulto e, sobretudo, as particularidades de cada criança é fundamental no desenvolvimento de estudos nesta área (LEMOS; SALOMÃO; AGRIPINO- RAMOS, 2014 p. 126).

É importante a conexão entre os profissionais da educação e as crianças autistas, isso comprova o quanto essa mediação propõe ajudar nessa socialização no ambiente de sala de aula. São os métodos de interação que influenciam e incentivam essas crianças no convívio escolar, ser um profissional sensível, com suas possibilidades e acreditando no desenvolvimento. Através das perspectivas sobre um mundo totalmente social, sem esse isolamento por parte de muitas pessoas, por desconhecerem o autismo e suas características. A família se torna uma grande mediadora nessas interações e o ambiente familiar é o primeiro contado da criança e quando a ele influencia essas interações no contexto escolar e participa das organizações, torna essa criança segura no ambiente a qual frequenta.

No próximo tópico, trago para essa escrita, a parte metodológica: o estado da arte, a definição do método da análise dos procedimentos, as impressões e as falas dos membros da família. Tudo feito de uma maneira que trouxesse a realidade vivida e sentida, de uma forma que as pessoas sentissem que o processo de conhecimento do autismo é longo, que existem mudanças, que nenhuma característica é simplesmente similar a outra, que são diferentes características e comportamentos que podem mudar ao longo do tempo, porém, alguns comportamentos podem perdurar por muito tempo.

### **3 - UM CAMINHAR PARA NOVAS APRENDIZAGENS: metodologia e procedimentos**

A ideia de escrever um Trabalho de Conclusão de Curso sobre uma temática que chame sua atenção e que faça parte de seu cotidiano é de suma importância e prazeroso. O caminho percorrido no decorrer do curso de Pedagogia trouxe outras perspectivas e novas aprendizagens. Uma delas foi ler, estudar e conhecer mais sobre uma temática que está muito aparente nos dias atuais.

Por isso, na metodologia deste estudo tem alguns dos autores que tratam sobre autismo, impressões sobre o que foi visto em observações feitas pela pesquisadora do contexto familiar, questionário, entrevista semiestruturada e algumas descrições de uma forma livre de acordo com as respostas dos pais. Um quadro para o estado da arte foi idealizado, de acordo com a temática selecionada, no processo de conhecimento e escrita, para essa construção, foi realizada a busca de materiais que fundamentaram a pesquisa, auxiliando no desenvolvimento deste TCC.

Estudos e conhecimentos científicos foram trazidos para a pesquisa, sejam eles generalizado ou delimitados enfocando descobertas do desenvolvimento infantil autista através das perguntas norteadoras feitas em forma de entrevista com a família da criança que foi o caso deste estudo aqui apresentado.

A revisão dos materiais aqui referendados foi um avanço no desenvolvimento desta pesquisa. A partir disso, houve a conversa com a família selecionada para o estudo de caso, a organização dos dados coletados e o tratamento das informações obtidas acerca do assunto, para posterior composição desta escrita. Após isso, houve também a elaboração de questões norteadoras partindo das categorias encontradas nos relatos dos familiares sobre a criança e a temática deste estudo de caso em sua complexidade.

Segundo Adriana et al. (2018), verifica-se a importância de identificar características que promovam relevância ao estudo. Apresentando um estudo de caso, é importante que você o descreva da maneira mais profunda e detalhada, que seja realizada uma análise precisa e minuciosa abordando cada

parte de sua investigação, o que se torna mais necessário no desenvolvimento, a sensibilidade de sentir o outro, de compreender uma situação, de conhecer algo novo, de se permitir colocar no papel palavras sentidas, vividas e praticadas por alguém. A possibilidade de trazer uma abordagem que agregue à vida das pessoas, que inspire outros estudiosos e pesquisadores a aprofundar seus conhecimentos, e trazer novas abordagens que investiguem essa metodologia.

Com isso, a pesquisa avançou, de forma adequada a todos e sendo confortável diante da escuta sensível não só para com a família, mas principalmente para deixar a criança falar da sua maneira, algo que fosse de dentro para fora. Idealizando fazer um Trabalho de Conclusão de Curso, que possibilitasse a agregação ao ambiente educacional e ajudar pais e familiares que não conseguem entender seu filho, em muitos casos criando limitações. Sabendo que existem casos e diagnósticos diferentes de Transtorno do Espectro Autista, este texto espera desenvolver aspectos que ajudem à família e à criança.

Após a observação, parti para a entrevista que possibilitou chegar às categorias apresentadas. Essas partiram da análise do conteúdo de Bardin (2016) e foram selecionadas para categorizar algumas das respostas dadas pela família. As categorias aqui descritas nos resultados e nas falas partiram desse contexto e da observação, desse olhar mais analítico do estudo e com uma percepção mais viável do conteúdo. Bardin traz esse olhar sistemático ao longo do desenvolvimento, do começo ao fim.

Primeiramente, foram vistas as infinitas potencialidades que uma observação pode trazer para uma pesquisa. Na escrita sobre a observação pude registrar a maneira como vejo o mundo através de algumas experiências relatadas pelos pais pesquisados. Posteriormente, mostrei o meu olhar através da entrevista, em áudio e vídeo, feita com os familiares da criança autista identificando as aprendizagens que eles tiveram com essa criança a partir das categorias elencadas para uma análise aprofundada da entrevista no decorrer de cada pergunta.

### **3 - 1 AS INFINITAS POTENCIALIDADES DA OBSERVAÇÃO: a maneira como vejo o mundo**

Saber que seu filho ou filha é autista, não é o ponto final, mas o ponto de largada sob as possibilidades que essa criança pode ter, e posteriormente de ensinar algo que você nunca imaginou aprender. Existem diversas maneiras de amar, uma delas é acreditando que sempre tudo pode ser possível.

Foi possível analisar, como a maioria dos autores revela em suas pesquisas e estudos sobre o comportamento dos pais durante a descoberta do diagnóstico. Os autores dizem que a família passa pela negação pós diagnóstico, passando pela fase do luto do filho tão idealizado e almejado. E durante a observação percebi a mesma afirmação, todo começo é difícil, a família não quer aceitar, pensa até em passar por outros especialistas para ter provas concretas de que aquela notícia é real.

A família aqui observada é estruturada por pai e mãe que moram juntos e têm um bom relacionamento e hoje têm compreensão sobre a condição do filho. Eles, além dessa criança, são pais de outro menino de cinco anos. A mãe tem 42 anos, é pedagoga atuante e o pai tem 39 anos e trabalha como vigilante. Uma família estruturada, mas com algumas dificuldades como em qualquer ambiente familiar.

A criança aqui apresentada foi nomeada de Guerreirinho, como os pais o chamam. Eles convivem com familiares próximos e como é uma rotina dele, todos os dias tem que passar na casa da avó paterna que reside na mesma rua. A família tem uma rotina, de estar presente e sempre juntos nos cultos da igreja que participam. Guerreirinho e seu irmão mais novo gostam de visitar os primos para brincar.

Descrevendo um pouco sobre as observações vivenciadas e a entrevista, foram no total, três dias. Não ocorreram agendamento específico, foi fluindo nos dias subsequentes. Fui observando a família e a criança, em todos os dias estiveram o pai e a mãe. A observação e entrevista foram realizadas simultaneamente. Na entrevista fiz dez perguntas para os dois no mesmo momento. Tudo isso, a observação e a entrevista, foram realizadas no espaço da casa da família.

Pude observar, ao falarem sobre o antes do diagnóstico, a forma como afirmam o desconhecimento do transtorno, o olhar expressivo dizendo que não tinham ideia do que era o transtorno do espectro autista. A família passou a

compreender o autismo, após a convivência e as vivências do dia a dia, e compreenderam que ser pais atípicos não é um “mar de rosas”. Os desafios são constantes, as mudanças acontecem e as características na criança tornam-se mais expressivas.

Durante meus estudos, vi a importância de conhecer o autista, a criança que está com você, presente na sua vida, tentar entender certos aspectos, não que seja algo simples e acontece no estalar de dedos. Mas se você se permitir conhecer sobre o autismo, que graças aos pesquisadores, estudiosos e cientistas que lutam por mais uma causa, hoje a descoberta está cada dia mais precoce. Com isso, as intervenções começam com sucesso, e a chance do seu filho se desenvolver e ter autonomia em larga escala aumenta.

É importante lembrar que a informação tem que ser transmitida, para que os pais que estão com diagnóstico há pouco tempo possam receber acolhimento e informações concretas e confiáveis para iniciar sua busca de entendimento e compreensão acerca do transtorno do espectro autista. Para os pais desta pesquisa, o desejo era ver seu filho evoluindo, que as pessoas pudessem vê-lo como pessoa, e não o transtorno autista. Foi gratificante compreender que essa criança foi bem recebida na escola do município onde mora, que desenvolveu com ele todas as atividades possíveis. A forma com que a escola interagiu com a criança auxiliando no desenvolvimento, os professores buscando a especialização para receber os autistas no âmbito educacional trouxe muito conforto para esses pais.

Acreditar no potencial da criança é ver as possibilidades acontecerem antes de qualquer coisa. Os pais acreditaram que mesmo seu filho sendo uma criança não verbal, conseguiria se desenvolver em sala de aula, mesmo com um desafio de não conseguir se expressar, conseguiu se integrar em sala de aula e com ajuda dos especialistas hoje Guerreirinho se comunica verbalmente.

Senti a emoção da mãe ao falar da tão esperada escola para o filho e saber que nem todas as escolas o aceitariam por causa de seu diagnóstico foi triste e visível aos olhos, mas escutar a mãe afirmando que colocou seu filho em uma escola pública e que ele foi bem recebido, teve acompanhamento, se adaptou muito bem ao ambiente. Quando nos colocamos em um “estudo de caso”, é perceptível os momentos sensíveis, podemos lembrar como os autores

descrevem esse método de pesquisa, descrevendo como algo feito naturalmente e deixar as coisas fluírem com seu desenvolvimento em uma análise profunda, sem deixar que nada passe despercebido aos seus olhos, essa sensação que os autores de estudo metodológico me transmitiu. Pude me permitir sentir as pessoas e o lugar, acreditando em toda a sua importância e significado.

A sensibilidade nas falas, a firmeza em algumas falas, algumas pausas para pensar na resposta. O cuidado em abordar com clareza as respostas, isso foi muito significativo durante este estudo, permitindo-me escutar um pouco sobre suas vivências, adaptações e desafios, a confiança em abordar sua vida, permitindo que os entrevistados se sentissem livres para expressar seus sentimentos sobre alguns acontecimentos. Ver a mãe sensibilizada provocou análise de algumas questões, o medo de como ele seria recebido nos ambientes, a dor que a família sentiu às vezes, tudo o que foi imprevisível no início. Eles não sabiam como lidar, o que fazer, como fazer, o que desenvolve, como auxiliar, o que interfere, o que não interfere, quais são as formas possíveis de desenvolvimento.

Foram vários os pensamentos e questionamentos pelos quais a família passou, principalmente no momento da descoberta. A forma como essa família conseguiu lidar com a situação nos dias de hoje, depois de todas as experiências vividas, as orientações dadas por especialistas sobre determinados comportamentos ou dificuldades, em algumas situações de crise. Pude comprovar o quanto Guerreirinho ajudou seus pais, para conhecer cada uma de suas características, isso não significa que não precisem de acompanhamento.

A família ainda precisa de auxílio como a criança também, mas o desenvolvimento do Guerreirinho cresceu bastante no ambiente familiar e no escolar. Ainda é necessário ter cuidados toda vez que os pais precisam levá-lo para um novo ambiente que não seja sua rotina, eles têm que prepará-lo, explicando quem vai ou quem vai voltar para casa, como será o ambiente que eles vão sair e a que horas eles vão voltar. A questões que permanecem e outras são modificadas para o desenvolvimento e autonomia dele.

As visitas para observação proporcionaram uma análise além do que eu poderia imaginar, mesmo indo com ideias/perguntas prontas as respostas foram fluidas com uma naturalidade e profundidade que um estudo de caso precisa ter

para ser bem desenvolvido, uma única família ofereceu conhecimento que toda família iniciante precisa entender e sentir. Essa família mostrou que nem tudo vai ser belo, mas não quer dizer que crianças autistas podem aprender e conhecer, basta identificá-lo e saber o que elas podem. E nós que trabalhamos nesta área do desenvolvimento infantil, precisamos conhecê-los e ajudá-los nas suas dificuldades, a ultrapassar todos os desafios e a família é o ponto de partida para uma jornada de conquista.

No próximo tópico, o olhar da família entrevistada será discorrido mostrando as respostas ditas pela família. Descrevendo desde a experiência, suas adaptações e aprendizagens, se utilizaram algum material adaptado para ensinar a criança, o primeiro contato ambiente escolar e os desafios que enfrentaram em momentos de mudanças. Tudo isso abordado de forma sensível e específica. Contendo desde da emoção até a mais simples observação, deixando claro que são falas descritas da forma como os pais se sentiram confortáveis em dizer, o quanto consegui incluir e entender cada percepção ditas pela família, o que pude tirar de lição e como os autores podem contribuir com algumas análises e colocações feitas pelos pais sobre suas observações.

### **3.2 - APRENDIZAGENS FAMILIARES: O OLHAR DA ENTREVISTA**

Para análise das perguntas da entrevista semiestruturada optei por categorizar em conjuntos de respostas ditas pelos pais da criança, após análise das respostas da família optou-se pela a categorização em palavras que tiveram mais significado e impacto durantes suas vivências e experiências. As categorias elencadas foram em relação ao momento da descoberta, ao período da adaptação, à ida para o tempo de escolarização e à ideia sobre o retrato/fotografia que a família tem hoje a respeito dessa criança.

Essa entrevista foi realizada em áudio e vídeo e vista sob o olhar da análise de conteúdo baseada no livro de Laurence Bardin (2016), com foco na organização da análise e categorização das respostas. No que diz respeito à elaboração do conteúdo que foi analisado, a autora o desenvolve e descreve em três etapas: 1) pré-análise - nesta etapa não necessariamente precisa ter um resultado, neste momento da pesquisa você irá procurar materiais e fazer a

leitura e dimensionamento de algumas hipóteses do que irá desenvolver mais tarde e preparar materiais que possam orientar a sua investigação em desenvolvimento. 2) explorando os materiais - nesta etapa atual torna-se uma fase um tanto longa, começando a listar a aplicação dos procedimentos necessários, incluindo os manuais que requerem alguma ferramenta, listando as categorias essenciais. 3) nesta etapa final, estabelecem-se os resultados conforme foram obtidos pela análise. Dependendo de como esses resultados foram elaborados, eles podem vir por meio de gráficos, desenhos ou figuras, sendo descritos e interpretados estritamente para sua validação.

O critério de categorização é acentuado pelo que temos disponível, adaptando-se à realidade empregada no momento. Bardin (2016), traz esse olhar sistemático durante todo o desenvolvimento analisando as possíveis categorias durante a análise do conteúdo nas diversas leituras e audições das respostas para o referido trabalho. Não se trata de olhar além das impossibilidades, são as coisas mais próximas que têm um conteúdo tão denso e imenso que não precisamos ir muito longe para sentir essa possibilidade. A análise da minha entrevista foi categorizada por palavras significativas, vistas como essenciais e mais frequentemente abordadas no desenvolvimento da entrevista. Qualificar elementos em categorias requer uma investigação aguçada e o que eles têm em conjunto.

Os autores Sousa e Santos (2020), ao aplicar o método, afirmam que foi possível perceber e compreender o significado de cada palavra do entrevistado, os elementos perceptíveis aos olhos, que só podemos ver quando somos cuidadosos e atentos. Análise rigorosa, por ser necessária desde o começo até o final da análise do conteúdo, foi necessária uma observação sistemática, desta forma os dados recolhidos são diversos e complementares. Abaixo, em complemento à afirmação dos autores quanto à análise delimitada por Bardin.

A análise de conteúdo se caracteriza como uma técnica de pesquisa, que, embora decorra de diversas interpretações e modo de realizar-se, há uma sequência sistemática que traz uma consistência na pesquisa diante o que é defendido por Laurence Bardin. Como toda técnica, requer rigorosidade e sistemática de regras que precisa ser aprendida e exercitada para assim, ser possível tirar o máximo de abstrações possíveis de um fato, fenômeno ou de uma resposta dada por um sujeito de pesquisa (SOUSA e SANTOS, 2020, p.1413).

Fazer a análise do que aconteceu e ainda acontece com essa família não foi nada fácil, mas muito prazerosa pois através das categorias elencadas foi possível compreender a perspectiva do desenvolvimento de Guerreirinho a partir do olhar da entrevista semiestruturada.

As categorias elencadas: momento da descoberta, período de adaptação familiar, tempo de escolarização e o retrato/fotografia que a família tem hoje a respeito de Guerreirinho, foram percebidas e descritas nos parágrafos abaixo.

Em relação ao **momento da descoberta**, a família afirmou que entre os dois/três anos de idade, nem o pai e nem a mãe tinha conhecimento sobre o TEA, não tinham nenhum conhecimento, não sabiam do que se tratava o autismo. Porém em alguns momentos, tinham percebido algumas diferenças no comportamento de Guerreirinho, em relação a outras crianças da mesma idade na hora de brincar e se comunicar, o viam com características dissemelhantes. Isso pode ser comprovado na fala da mãe de Guerreirinho:

No princípio, a gente achava que era por conta, como engravidei logo do segundo filho, a gente achava que era por conta do irmão, que ele ficou com ciúmes. Então ele falava e parou de falar e algumas coisas ele foi regredindo, aí chorava muito para pedir as coisas.

Por conta da regressão da fala, a família foi aderindo algumas percepções, pela convivência e conhecimento, conseguiam identificar quando Guerreirinho sentia vontade de beber água quando ele sinalizava. A mãe dele afirmou que: “Como eu já sabia o que ele queria, tipo ele queria água, ele batia com copo na porta da geladeira, acordava chorando já sabia que era suco, comecei a entender os comandos” até esse momento Guerreirinho não falava.

Como os pais não acharam normal a regressão de fala, foram para uma consulta com o pediatra, assim relata a mãe de Guerreirinho: “Fomos para o pediatra, ele afirmou que era normal, ele estava assim por conta do outro irmãozinho, que ele tá ciúmes.” Mas, como ele tinha passado dos dois anos de idade sem falar, a mãe afirma com ênfase: “falava, só que depois parou” os pais insistiram com o pediatra, nessa questão encaminhando-o para uma fonoaudióloga.

Perceptível a insistência dos pais sobre a situação do filho, sobre a regressão. Só através de uma insistência maior com o pediatra, que ocorreu o encaminhamento para outro profissional. De acordo com as autoras Flores e Smeha (2013) no decorrer das suas investigações com os profissionais da saúde, é evidente que alguns sintomas menos graves que podem não significar tanto para os médicos precisam ser examinados. Apesar de os sintomas não serem visíveis e notificáveis em bebês ou crianças, como não conseguir olhar nos seus olhos, isso não significa necessariamente que seu filho tem autismo. Além disso, pode ser um dos indicadores para uma avaliação mais precisa, alguns pais por analisarem bem seu filho, percebem algo diferente no comportamento e chegam avisando aos médicos, mas, em alguns casos ocorrem o “não olhar do médico”. Caso isso ocorra, e se sentirem a necessidade de uma avaliação, deve haver uma notificação ao médico.

Com dois anos, Guerreirinho foi para consultas com a fonoaudióloga, mas a família afirma que mesmo assim achava que só era atraso na fala. A profissional insistia orientando a levá-lo para um neuropediatra, porque ela já percebia os comportamentos diferentes. A família apontou que alguma coisa não fazia sentido a partir dos comportamentos dele, já que os pais relatavam sobre as maneiras que o menino brincava e que percebiam a forma diferente. Isso está com propriedade na fala da mãe de Guerreirinho:

A maneira dele brincar, agrupava os brinquedos colocando em fileirinhas ou então colocava tudo atrás da porta, tinham umas manias estranhas, mas por ser o primeiro filho né, e teve outro logo em seguida a gente achava que era normal.

Os autores a seguir descrevem sobre o comportamento de agrupar objetos e enfileirá-los. Um apontamento sobre uma das características comportamentais da criança autista, é descrita durante as investigações, em relação a algumas observações que foram notadas pelos autores Hofzmann et al. (2019, p. 66). “As observações relatadas foram, principalmente, a atitude de “organizar” e “girar” objetos”. Isso foi perceptível pela família entrevistada no estudo de caso, uma das características de forma notória foi, o enfileiramento de objetos e o agrupamento de todos os brinquedos atrás da porta. Com isso, foi possível analisar que a maioria das pessoas que descrevem sobre o autismo, abordam sobre a forma como a criança brincar com o objeto. Existem diversos

relatos de familiares, abordando sobre esse mesmo comportamento como uma das características.

Durante as consultas, a fonoaudióloga orientava a família a buscar por pesquisas através de artigos/textos. A mãe de Guerreirinho foi confirmar sobre essas pesquisas percebendo assim que todas as indicações de artigos tinham abordagens sobre autismo. A mãe disse que fazia a leitura de alguns textos, e em seguida, fazia alguns testes que a fonoaudióloga passava. Após finalização dos testes, os pais chegaram à conclusão que o filho não tinha autismo: “Quando ele vai mamar, ele olhava no olho. Guerreirinho fazia tudo normal, aí os testes que ela mandava fazer, a fono, dava menos que 50% [...]”.

A mãe aborda que, quando estava fazendo a impressão do seu TCC, durante a finalização de seu curso, começou a dizer que estava feliz, graças a Deus pois estava finalizando seu trabalho. A menina que estava no local, que estava fazendo a impressão, começou a contar a história de vida dela, do filho dela que era autista começou a relatar sobre o comportamento dele. Depois de ouvir os relatos da moça, a mãe de Guerreirinho comentou, que alguns comportamentos relatados por ela, eram similares aos comportamentos dele. O conselho dado pela moça, relatado pela mãe de Guerreirinho foi: “oriento você levar na Neuropediatria, porque o meu, o povo dizia que era dengo, sempre aconselho as mães [...]”.

Na descrição das autoras Flores e Smeha (2013) alguns pais relatam sentir uma certa incerteza após examinar certos comportamentos, e muitos disseram que familiares ou mesmo amigos próximos notam algo diferente na criança. Porém, nada acaba sendo feito e os pais só procuram um profissional quando a criança apresenta características como dificuldade de comunicação e atraso na fala. Isso ocorre porque a família deposita muita confiança nos médicos e em seu próprio julgamento, às vezes duvidando de suas próprias percepções. Não estou afirmando, que não deva acreditar nas finalidades médicas, mas se houver uma dúvida e seja necessário procurar outro especialista, os familiares devem procurar e tirar todas as dúvidas.

A mãe também começou a prestar atenção em outro comportamento que a família achava diferente. No momento que estavam em uma festa de aniversário, quando começavam a bater os parabéns, Guerreirinho:

[...] ele começava a ficava inquieto, se batia agitado, às vezes tirava ele do aniversário brigava e as vezes até batia. Na igreja do mesmo jeito, ele tinha um comportamento na igreja que... terminava o culto, tinha que vim embora, tinha que fazer as coisas do mesmo jeito, teve um dia que terminou o culto e tinha uma festinha, a gente não conseguiu ficar no aniversário [...] ele tem uma rotina, então quando essa rotina é quebrada, desestabilizava Guerreirinho.

Os pais, por não conseguirem entender determinados comportamentos do filho, achavam que eram inadequados. Para a família aquele comportamento atrapalhava os outros. Com isso, para evitar uma crise maior, a família se retirava do local, dessa forma tranquilizaria o menino. O pai de Guerreirinho também relata sobre alguns comportamentos do filho e como agia durante esses acontecimentos. Os pais também afirmaram que para não ver o comportamento crescer a ponto de atrapalhar e causar um constrangimento, pois eles achavam que atrapalhava já que Guerreirinho ficava agitado e chorando muito, evitando certos comportamentos e prezando para o bem estar do filho atendiam ao pedido: “[...] Então, a gente tinha que atender pra ver aquele negócio... como é que eu posso dizer, acabar, na verdade agradar ele de toda forma, temos que agradar ele”.

Foi a partir disso, que a família resolveu marcar uma consulta com uma Neuropediatra. Após marcarem e levarem Guerreirinho, o diagnóstico foi de imediato, e com isso afirmaram que saíram de lá “tontos” achando que era outra resposta. Foi o primeiro momento da negação, da incredulidade. Momento da idealização de vários porquês, de várias justificativas para encontrar a resposta que os pais queriam.

A mãe de Guerreirinho afirmou que a neuropediatra começou analisar a criança desde a hora que entraram no ambiente, principalmente quando ele entrou. Ela explicou a partir do comportamento dele exemplificando que ao entrar no ambiente, por estar cheio de gente, Guerreirinho entrou e já foi direto para um objeto. Com isso, a neuropediatra perguntou todo o histórico dele e confirmou o diagnóstico.

Toda descoberta a respeito de um diagnóstico é difícil de ser recebido, nenhum pai vai em um consultório, ver o que seu filho tem e voltar para casa

com um encaminhamento para uma nova consulta, porém direto com uma Neuropediatra pois desconfiam que seu filho tem autismo. Para qualquer família é doloroso, ninguém espera algo assim, principalmente quando não conhece a respeito, só escuta a palavra “Autismo” sem nenhuma explicação aparente no momento. Apesar do ‘baque’, o diagnóstico precoce se torna algo excelente e muito importante. Segundo as autoras Flores e Smeha (2013), nas investigações e durante as entrevistas com os profissionais, teve uma percepção que as famílias buscam pelos profissionais que são mais sensíveis com seus filhos:

Um aspecto bastante relevante foi o pequeno número de pacientes autistas atendidos pelos pediatras em comparação aos neuropediatras, o que leva a pensar que, uma vez diagnosticados, os autistas passam a ser acompanhados — mesmo devido a uma febre ou dor de garganta — pelos neuropediatras. É provável que as próprias famílias elejam para o acompanhamento de seus filhos os profissionais mais sensíveis, que se mostraram mais conhecedores do tema e com maior habilidade para lidar com os pacientes e suas famílias (FLORES, SMEHA; 2013, p. 148).

Infelizmente, ainda existem alguns médicos que não conhecem profundamente a respeito do TEA, desconfiando de algumas coisas incomuns como: comportamentos diferenciado, restrições alimentares e estilos de comunicação. Durante as consultas, os pais falam sobre essas inquietações e as situações que perceberam. Em alguns momentos os médicos pediatras responderam, que esse comportamento iria mudar conforme a criança fosse crescendo, então não precisa se preocupar porque é ‘típico’. Em certos casos, os comportamentos são realmente os da infância, mas em outras circunstâncias, é necessário ir a outro especialista para uma avaliação mais completa.

Isso comprova que ter conhecimento é muito pertinente e pode “aliviar” certos sentimentos por parte da família, pois foi a partir desse momento que os pais de Guerreirinho passaram a buscar informações, olhar mais para o que o menino (não) fazia e a dar mais atenção aos comportamentos e sentimento do filho. O pai afirma que hoje se chegar a um determinado lugar e olhar para uma criança que tem algum comportamento diferente, já consegue ter um olhar mais cuidadoso e busca identificar se essa criança também pode ser autista e se pode buscar uma convivência mais próxima para poder ajudar a outros pais. Hoje a família entende sobre o transtorno, isso pode ser comprovado através da fala dos pais de Guerreirinho:

Hoje a gente tem conhecimento que o Transtorno do Espectro Autista – TEA, é um comportamento diferente, mesmo assim, a gente entendendo, não leva como se fosse um critério dele ser especial [...] do jeito que a gente trata o irmão mais novo, a gente trata ele, mas entendendo de muitos comportamentos dele na interação, a comunicação visual, a fala dele muitas vezes é diferente.

Ter conhecimento, fazer leituras, olhar com cuidado, carinho e amor. É disso que uma criança precisa, principalmente da família. O pai de Guerreirinho disse que hoje compreende o comportamento do filho. Citou como exemplo o momento em que diz que é para fazer ou não fazer algo, o filho se irrita, começa a chorar, mas com dez ou cinco minutos ele esquece, o comportamento já muda e não chora mais. Outro exemplo mencionado pela mãe, é que quando tem que pegar alguma coisa e colocar em outro lugar, não adianta impedir, porque ele vai fazer, e que enquanto não cumprir essa tarefa, a criança não sossega.

Assim a família tenta entrar no mundo dele e entender que Guerreirinho tem comportamentos diferenciados, que não adianta tentar tirá-lo desse mundo, mas estudar sobre o autismo, pois o conhecimento faz perceber o quão importante é entender esse mundo que ele vive. O pai ainda afirma que quando Guerreirinho pegava todos os brinquedos e juntava em cima da cama, o pai entrava na roda de brincadeiras dele e começava a interagir com ele e com o mundo, através dessas brincadeiras aconteciam as interações: “já entendi o que é autismo, não sair do mundo dele, tentava entra no mundo dele, as vezes dá certo”.

Já no período do processo das **adaptações (casa e escola)** foram percebidos diversos acontecimentos. A família afirma que já viveram muitas experiências a partir da análise sobre o que agrada a criança, e que não precisa de muito para chamar a atenção dele, pois o simples já é suficiente. A mãe afirma que grande parte do conhecimento adquirido foi com os profissionais e que uma dessas experiências foi que ela e o esposo começaram a ver o mundo totalmente diferente, principalmente quando levaram o filho para a fonoaudióloga “eles conseguiram abrir a mente, com uma pincelada de um profissional a gente conseguiu tirar muitos costumes dele, que tinha, e Guerreirinho hoje se evoluiu mais”.

Um exemplo de costume afirmado pelo pai: “tipo uma vez, ele passou uns seis meses sem tomar água, só suco, porque ele só queria suco”, determinados costumes foram tirados, através de orientações da profissional. Passando a conciliar a água com o suco, entendendo que a hora de beber água é hora de beber água e de tomar suco, tudo isso através das instruções do profissional.

Foi afirmado pelos pais que tudo na mente de Guerreirinho era padronizado, que não gostava de vestir roupa, e que quando era preciso, ao chegar em casa, não esperava nem abrir a porta, tirava a roupa no portão. A partir das orientações, os pais foram quebrando alguns padrões que ele tinha criado, mas dando direcionamentos para ele, e não simplesmente dizendo que não podia fazer isso ou aquilo, mas explicando o que estava acontecendo. E também mudando seus próprios comportamentos. Por não terem conhecimento, anteriormente gritavam ou falavam rispidamente com o filho, quando ele fazia algo “errado”.

A família ressalta que após o **recebimento do diagnóstico**, ficaram fragilizados, com o mundo totalmente modificado, sem saber o que aconteceria a partir daquele momento, quais caminhos deveriam seguir, e quais recursos teria que usar. Só depois passaram a ter experiências e vivências em ambientes com outras pessoas, com pais de outras crianças autistas, frequentaram ambientes de interação, passaram a interagir mais no dia a dia e foram vendo qual o melhor caminho para poder deixar o filho bem desenvolvido e procurando diminuir a preocupação em relação a Guerreirinho ser aceito na sociedade por conta do comportamento:

Queira ou não queira ele tem um comportamento que qualquer pessoa quando olha pra ele, assim que começa a brincar a gente ver que identificar que alguma coisa estar diferente. As vezes a gente ficar até constrangido, das pessoas acharem que é um comportamento de uma má educação, mas, não é.

A mãe descreve que a descoberta do diagnóstico foi a fase que negou, não quis acreditar, nenhum momento passou pela cabeça deles, que seria autismo. Disse também que passava dias e noites assistindo vídeos sobre o TEA na busca de entender o transtorno. Até que o esposo pediu para ela descansar, que aquele momento de euforia não vai adiantar e que iriam começar a aceitar e procurar um profissional.

Uma das **adaptações** na verdade foi um desafio. Começaram a marcar as Terapias do Ônibus<sup>3</sup> e outras adaptações foram feitas para que o filho não fosse constrangido por causa do seu comportamento. Sobre isso os pais relatam que:

Como ele padronizava as coisas, tem muitos desafios. Por exemplo: entra em um ônibus cheio, querer sentar em uma cadeira, aí você vai estar em um ônibus cheio e ele começa gritar, já aconteceu isso, dele gritar muito dentro do ônibus. Ele está acostumado ficar na janela, fazendo as estereotípias dele.

A família relatou ainda que aconteceram muitas situações dentro e fora do ônibus: algumas pessoas pediam para colocar ele sentado no colo, mas a criança não queria, pois tudo aquilo era estranho para ele; em alguns momentos quando alguém tentava colocá-lo no colo, ele começava a gritar usando uma das formas de defesa e comunicação do autista quando não sabe se expressar pela fala. O toque para todas as pessoas é um sentido. Muitos, o tem como algo agradável, mas para os autistas pode não ser já que eles têm fixação por determinadas sensações e com isso reagem de outra maneira quando é uma “sensação comum” para as outras pessoas.

Os pais de Guerreirinho ainda disseram que antes sentiam mais dificuldades e que passaram por mais adaptações e por muitos desafios. Como ele não gostava do toque, rejeitava contatos externos através de gritos. Eles começaram a conversar e explicar o motivo das pessoas fazerem isso e que era um gesto de carinho das outras pessoas. Outro desafio foi o de explicar que não se podia pegar tudo o que queria sem a permissão dos outros:

Terminou de comer a pipoca, levantou e foi pegar a pipoca da mulher, sem pedir, só fez pegar. A mulher se assustou no momento, pegou e deu pra ele, a mãe não aceitou, demonstrando que aquela atitude foi errada.

Comportamentos repetitivos ou mesmo movimentos que nos parecem estranhos podem ser características de crianças autistas, uma forma de comunicação quando algo as incomoda ou uma demonstração de felicidade, como afirma o próprio manual de diagnóstico que os movimentos

---

<sup>3</sup> A terapia do ônibus, foi uma sugestão do especialista para desenvolver a autonomia e um momento de adaptação da criança em um ambiente novo.

estereotipados estão ligados a uma das características do TEA. Os pais, por vezes, podem se deparar com comportamentos inesperados de seus filhos. Como foi o caso da família investigada quando seu filho teve a atitude de pegar algo da mão de um estranho sem pedir permissão. Isso não significa que a criança não tenha educação, esses são apenas comportamentos possíveis. Por isso, é fundamental conversar constantemente com seu filho e orientá-lo. Mesmo que você tenha que repetir algo ou falar várias vezes, não se preocupe; para muitas crianças autistas, a repetição torna-se uma coisa apropriada que ajuda a criança a aprender, podemos analisar a seguir a afirmação do manual de diagnóstico:

Estereotipias motoras estão entre as características diagnósticas do transtorno do espectro autista, de modo que um diagnóstico adicional de transtorno do movimento estereotipado não é feito quando tais comportamentos repetitivos são mais bem explicados pela presença do transtorno do espectro autista (DSM-5 2014, p. 58).

É importante analisar um ponto específico da situação, se alguns movimentos estereotipados causarem lesões, é importante procurar orientações dos especialistas. Assim podem identificar as melhores formas para ajudar e intervir da forma correta, dessa forma a família pode ajudar no auxílio dentro de casa, mostrando de forma didática certas situações ou movimentos que não são adequados e podem causar dor, até mesmo lesões em alguma região do corpo: “Sempre conversando com Guerreirinho, tentando introduzir que essas coisas não podem ser feitas, não pode pegar as coisas da mão das pessoas”. É necessário que as famílias tenham sempre esse cuidado nas abordagens, de uma forma que a criança entenda, evitando atitudes indevidas, mas sempre explicando o motivo.

As adaptações em casa ocorreram quando alguém aparecia para fazer uma visita na casa da família, os pais preparavam Guerreirinho primeiro. A preparação é discorrida pela mãe da seguinte forma: “Explicando que em determinado horário pessoa B, vai chegar aqui em casa.” Sempre tinha que preparar Guerreirinho para as visitas, se não o avisassem poderia lhe causar instabilidade.

Segundo Faro et al. (2019, p.3) “[...] uma criança com TEA demanda da família a adaptação frente às necessidades e dificuldades suscitadas pelas

características desse transtorno”. Portanto, todo levantamento de leitura feito pelos autores observaram que toda criança com TEA demanda uma grande disposição da família nas mudanças e adaptações necessárias, todos cooperando juntos para um desenvolvimento adequado para auxiliar a criança nas suas necessidades. Existem momentos estressantes para a família, isso é uma realidade, no requisito adaptação pode ser um pouco difícil em algumas circunstâncias, por isso existe a necessidade da procura de orientação específica (médica e/ou pedagógica) nesses momentos.

Em relação **aos desafios**, a família afirma que até hoje, a escola é um dos principais, pois quando se recebe o diagnóstico de autismo é como o mundo fosse desabar, os planos mudam. Os pais não podem levar para “qualquer escola” ou aquela escola que você sonhava para o seu filho, já não é mais possível porque não se sabe se a escola vai querer recebê-lo. Nesse momento da entrevista, a mãe de Guerreirinho se emocionou, chegando a chorar ao abordar sobre essa primeira etapa da escola. Depois, pais, escola e Guerreirinho foram se adaptando ao que ia acontecendo.

Os pais relataram também sobre **os métodos que utilizaram**. Foram as terapias e as propostas e orientações dos especialistas. A família não investiu tanto nessa questão, mas está com planos neste tipo de investimento. Apesar de não ser totalmente alfabetizado, Guerreirinho conhece bastante palavras e se desenvolve muito bem. A família achou mais viável matricular Guerreirinho em uma escola pública. A mãe que também é professora, sentiu que a escola municipal está mais preparada para receber uma criança com diagnóstico de TEA.

Uma das orientações dos profissionais era colocar Guerreirinho logo na escola. Mesmo levando Guerreirinho a uma creche, a mãe não avisou sobre o laudo, levou para a escola como uma “criança normal”, achando que o filho teria uma fácil adaptação, mas em pouco tempo, a família informou que a diretora da escola perguntou se o menino tinha laudo já que a professora percebeu algo diferente no comportamento dele assim que chegou na sala de aula. Ele entrou, não olhou para ninguém e foi direto nos brinquedos. Não demorou muito para a mãe ser chamada na primeira semana de aulas, ela e o esposo foram chamados para comparecer na escola, para conversar sobre alguns comportamentos.

A família afirmou que foram bem recebidos na creche, que a **professora do AEE** trabalhava atividades motoras, emoções, concentração. Sempre mandavam atividades adaptadas para os pais desenvolverem em casa, informavam quais as atividades que trabalhariam com Guerreirinho durante a semana. Os métodos e recursos eram utilizados durante as terapias e com as atividades fornecidas pela professora do AEE. As atividades eram semanais no intuito de desenvolver o cognitivo da criança. Sobre os recursos, a mãe ressalta:

[...] na creche a professora do AEE mandava umas atividades adaptadas para Guerreirinho por exemplo: para aprender sobre rotina, a professora mandava um quadro de rotina, quando acorda o que se faz, o momento de escovar os dentes, tomar banho, café da manhã, ir para escola. Mostrava para ele ir aprendendo.

Essas proposições só reforçam que as possibilidades de aproveitamento têm que ser permanentes. Toda e qualquer atenção é necessária para o desenvolvimento não só em sala de aula, mas em qualquer ambiente independentemente das suas características. Por isso corroboramos com Damázio (2018) quando afirma que toda criança é capaz de aprender, do jeito que deseja ser, não da forma que desejamos que ela seja por conta dos padrões que são impostos pela normalidade, devemos deixar a criança responder seu próprio desenvolvimento.

Portanto, o ambiente de aprendizagem é organizado a partir do pressuposto de que todas as pessoas são diferentes e, por isso, são necessárias atitudes e posturas de respeito às limitações e potenciais de todos, inclusive das pessoas com diferenças humanas provocadas pelas deficiências, transtornos e altas habilidades/superdotação (DAMÁZIO; 2018, p. 844)

A orientação do professor de AEE favorece na orientação dos professores de classe. Esses profissionais devem estar prontos para ajudar e ensinar a turma a conscientizar todos sobre a boa convivência e respeitar as diferenças sociais, métodos e atividades adaptadas para ajudar crianças com dificuldades de aprendizagem e socialização. Ações que podem desenvolver propósito e levar ao reconhecimento do grupo no ambiente escolar.

Sobre a questão de **alfabetização**, os pais afirmaram que Guerreirinho pega no livro normalmente como toda criança, que ele não precisou de um

recurso nessa etapa, foi desenvolvendo como todo aluno, utilizando alfabeto móvel, fazendo atividades no livro e no caderno, e que no começo, teve dificuldade em pegar no lápis comum. Ao serem orientados pela profissional, providenciaram um lápis mais grosso e colocaram uma liga como apoio no momento da escrita e pintura.

Guerreirinho se adaptou bem na creche, mas os pais tiveram que fazer “preparação” de avisos para onde estão indo, para que ele se adaptasse bem no sentido da **escolarização**:

O primeiro contato de Guerreirinho com a escola não teve problema de choro, foi tranquilo. Guerreirinho já vinha em um ritmo bom, de repente parou tudo, mas, mesmo depois da pandemia dele ficar distante, ele não teve trabalho de voltar para sala de aula. Nunca teve dificuldade em adaptação na escola.

Os pais sempre prepararam Guerreirinho para os ambientes, principalmente um ambiente novo, explicavam o que iria acontecer e com isso não tinham problemas. Durante o convívio na creche, os pais relataram que foi falado uma das reuniões, a diretora disse que era um direito do Guerreirinho ter uma auxiliar, mas como Guerreirinho e outra criança da creche estavam se desenvolvendo bem, talvez uma auxiliar naquele momento pudesse atrapalhar, ao invés de progredir, poderia ocorrer uma regressão. Mesmo sendo um direito, escola e família estiveram em conexão e optaram de forma conjunta o que consideravam, naquele momento, seria o melhor para a criança. Essa conversa fez-se e se faz necessária em qualquer escola e com qualquer família, já que o importante é que as crianças se adaptem ao espaço e às proposições que lhe são apresentadas.

Na sala de aula, quem mais tem contato com a criança são os professores. Os provedores de conteúdo e desenvolvedores de atividades que podem proporcionar o desenvolvimento do aluno no ambiente escolar. São, portanto, observadores desse espaço, capazes de analisar todas as interações dos alunos e ajudar a mediar essa socialização com todos. Por isso, é pertinente afirmar que a família e confiar nos profissionais, deixando as crianças sob os cuidados da escola, mesmo que em alguns casos os professores tenham muita responsabilidade e pouco apoio. O que passa também pela necessidade de ter

outros profissionais que possam ajudar com métodos e monitoramento para fazer com que crianças com TEA se desenvolvam (PIMENTEL e FERNANDES, 2014).

Na entrevista também pude ver o olhar da família sobre o que diz respeito à categoria **retrato/fotografia**. Essa categoria foi assim nomeada para que houvesse compreensão de como os pais viam o filho, que imagem têm ou fazem dele, desde a ideia de “luto” à vida de lutas. A família descreve Guerreirinho da seguinte maneira:

Como uma criança que ainda está em desenvolvimento, mas diante de tudo isso, dessa trajetória toda, Guerreirinho pode em qualquer ambiente que a gente for, mesmo com o jeitinho dele, ele consegue identificar o ambiente e sente que estar no local. Levando com frequência ele começa a se comporta, se adaptar aquele ambiente[...] A igreja tem uma grande parcela de auxílio no desenvolvimento de Guerreirinho.

Simplemente os pais o veem como uma criança igual a qualquer outra, todos têm dificuldades a serem enfrentadas. A família mostrou que Guerreirinho participa de tudo, interage do jeitinho dele e que se ocorrer de não gostar de algo a ponto de entrar em crise, sai do ambiente, para preservar a saúde dele. Muitas famílias pensam que o filho vai ser sempre excluído. Nesse sentido, a mãe de Guerreirinho aponta que não, pois ele é incluído, interage e se comunica através da brincadeira, do jeito dele. Cada dia é um aprendizado diferente, o mundo o olha de uma forma diferente, com isso devemos estar preparados para qualquer situação.

Fazer esse estudo, não só vendo a teoria, mas principalmente a parte metodológica, foi de grande importância pois foi através dela que pude observar, entrevistar, conversar, ver, ouvir, sentir.

#### **4 - O CAMINHAR PARA ALÉM DAS PERSPECTIVAS CONCLUSIVAS**

Antes de entrar na minha conclusão, descrevo como tudo começou, entre decisões e percepções durante as escolhas e desenvolvimento. Quero abordar minha trajetória de como pensei e elaborei imaginando que conseguiria fazer tudo e chegar ao fim do meu trabalho, mas não foi bem assim. Fui em frente com meu trabalho no semestre passado, com minha orientadora, tivemos encontros maravilhosos e compreensivos a cada dia de orientações. Mas cheguei a um nível do meu desenvolvimento que pensei, não estou conseguindo produzir da forma que desejava, acabei deixando algumas coisas ao meu redor abalar meu emocional, continuei firme e produzindo, minha orientadora ajudando desde o início.

Sabe quando você chega em um estágio que precisa desacelerar? Em algumas situações a gente acha que nosso desenvolvimento é parecido com os outros, sendo que cada um age e pensa de uma forma diferente, talvez o seu procedimento e desenvolvimento vai demorar um pouco mais, isso é normal, o importante é conhecer seus limites, você pode entendê-lo e passar pelo processo de uma forma real, respeitando seu espaço de tempo.

Ainda falando do semestre passado, logo após a entrevista com a família, depois de analisar bem e observar algumas questões, chegamos à conclusão de que precisava de um olhar mais profundo e específico sobre a entrevista. Para isso acontecer era preciso de tempo, para um olhar melhor sobre o caso estudado.

Para quem quer trabalhar nesse método de pesquisa, precisa de uma análise de sentido e observação com um olhar sensível e delicado, nem sempre conseguimos captar tudo e todas as coisas, mas quando tomamos o tempo exato, o essencial é relatado e encontrado, o gesto com o rosto, com os braços e a emoção transmitida durante as perguntas. Fazer essa pesquisa, foi de uma sensibilidade e conhecimento e que se fez necessário adiar em alguns meses a minha finalização, mas, tendo pleno conhecimento que se desenvolveu um conteúdo de vivências e experiências, nos fazendo ver o quanto uma única família pode contribuir com várias outras famílias que estão passando pelo processo inicial, da descoberta do autismo.

Em alguns casos, as famílias pensam que toda essa situação que estão vivenciando, é algo que não conseguiram vencer. Mas, quando encontram vivências reais, apoio e solidariedade, tudo se torna possível. Sem dúvida existem famílias, pais ou mães solo que precisam de ajuda, com uma simples troca de conversa ou leitura sobre um tópico. Por causa dessa plausível necessidade, em conversa com a orientadora, tomamos a decisão de cancelar minha banca no semestre passado. Adianto agora 2022.2. Precisei cursar novamente a disciplina de TCC-2, para finalização do trabalho com cautela e cuidado ver o que estava faltando.

Houve essa necessidade de fazer uma pausa, como eu disse no início, pois meu tempo de desenvolvimento foi diferente, necessitei de uma expansão maior, às vezes foi preciso respirar com tranquilidade e para poder pensar nas possibilidades da escrita, que material precisa ser relido, a clareza de uma nova leitura para adicionar, depois disso, todo o conteúdo necessário foi descrito. Como escritora desse trabalho, sinto-me na posição de afirmar a seriedade de cada palavra descrita, desacelerei, respirei, cuidei do meu emocional e voltei com toda garra e força, continuei e não desisti dos meus objetivos.

Imaginar que consegui chegar onde estou, atingir meus objetivos, foi uma grande perspectiva, que levou a algo especial na escolha deste tema para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso. Um tema desafiador e ao mesmo tempo especial, saber que esse trabalho pode ajudar outras pessoas, familiares e pais, faz com que todo desenvolvimento seja válido. Sentir o ambiente, observar a família e poder descrever todo aquele sentimento e experiência foi algo excepcional. Sair da teoria e poder entrar na prática de forma profunda, é pegar o que para os olhos de outra pessoa não faz sentido, e poder descrever cada traço mesmo que suave, tornar tudo mais compreensível. Pude com minha pesquisa conhecer a criança autista, através das falas dos pais, ouvir suas narrativas sobre seus desafios antes e depois da descoberta do autismo e perceber quanta experiência eles foram capazes de transmitir.

O intuito deste trabalho foi trazer conteúdos que de alguma forma contemplassem tanto profissionais da área da educação quanto famílias que possuem uma pessoa com autismo, na verdade todas as pessoas que estão em contato com o autista, aquelas que querem conhecer e aprender sobre o TEA.

Conhecendo a experiência de uma família, que conhece o autista no convívio, ouvir a família e a importância das falas relatando as evoluções sobre o autismo e o quanto a vivência proporcionou estudos comportamentais pela família, por meio de relatos sobre as adaptações e desafios enfrentados. Hoje vejo que, com toda essa abordagem, posso ajudar outras famílias.

E ao chegar ao final do meu estudo, pude perceber que não são só as pessoas que têm TEA, mas todos, inclusive eu, precisam de tempo para se adaptar, se socializar, estar seguros nos espaços e ter pessoas, família ou não, que acreditem em seu potencial. Pude compreender que também é necessário ler e ouvir especialistas, fazer estudos teóricos, aprofundar em questões não tão claras para quem não está tão perto da temática e que esses conhecedores buscam através de seus conhecimentos ampliar o que já se tem.

O avanço dos estudos, está possibilitando novas descobertas. Nos dias atuais os conteúdos científicos trazem percepções e evidências concretas sobre comportamentos autista, as informações vêm baseadas em vivências e experiências. Conhecer sobre o autismo foi algo diverso em torno das suas peculiaridades. O conteúdo não é abrangente, mas traz abordagens significativas para a compreensão do transtorno autista.

Vejo que com esse trabalho, é possível contribuir em três aspectos importantes: para a academia, para o curso e para a comunidade. Na academia, pela perspectiva do conhecimento e na construção de novas descobertas sobre a temática, que possamos construir e desenvolver estudos semelhantes e que tragam conquistas. No curso, contribuindo para o conhecimento dos discentes a respeito do transtorno do espectro do autismo, sob um olhar familiar. Mostrando as possibilidades de novas temáticas dentro do autismo. É lindo ver novas descobertas. Isso acrescenta muito nossa vida. E na comunidade, pela perspectiva social de conhecer a respeito de uma temática, que nos dias atuais cresce o índice com muita frequência. Quero, principalmente, contribuir na perspectiva das famílias que têm pessoa com autismo.

A necessidade do conhecimento é preciso, sempre sentimos e achamos que falta alguma coisa ou algum assunto a ser estudado. Realmente o estudo é uma constância, por isso, quero deixar a possibilidade de novos estudos ligados

ao “desenvolvimento cognitivo da criança autista”, essa é uma das temáticas que desejo conhecer mais em outros momentos de minha jornada.

Concluo afirmando a relevância de conhecer a criança e proporcionar uma escuta familiar. São eles a fonte de conhecimento e da experiência em relação a criança, compreendendo as possíveis características e as melhores formas de intervenção, uma “simples” atividade pode trazer imenso aprendizado. É perceptível a influência da família no desenvolvimento infantil. Que esse conhecimento possa passar e ajudar da melhor maneira possível a todos. Por isso, desejo que as pessoas queiram investigar um pouco mais, fazer novas descobertas e entender que não precisa de muito para conhecer o muito. Foi perceptível que o pouco consegue fornecer diversas informações através apenas do seu próprio conhecimento e de suas vivências. Permitam que o local ou a pessoa investigada sintam-se à vontade. Assim as revelações dos assuntos serão levemente ditas/descritas.

## REFERÊNCIAS

ADRIANA, Soares Pereira. et al. **Metodologia da Pesquisa Científica** – 1. ed. –Santa Maria/RS: UAB/NTE/UFSM, 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Tratamento de Transtornos Mentais (DSM-5)**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. Porto Alegre: Artmed; 2014.

ARAÚJO, Álvaro Cabral; NETO, Francisco Lotufo. A nova classificação americana para os transtornos mentais—o DSM-5. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, v. 16, n. 1, p. 67-82, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERTOLDI, Franciele Stolf; BRZOZOWSKI, Fabíola Stolf. O papel da psicopedagogia na inclusão e na aprendizagem da pessoa autista. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 37, n. 114, p. 341-352, dez. 2020.

BRAGA, Wilson Candido. **Autismo: azul e de todas as cores**, Guia básico para pais e profissionais/ Wilson Candido Braga. – São Paulo: Paulinas, 2018. – (Coleção psicologia, família e escola) 1 edição – 2018.

BRASIL. **Lei 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm) Acesso em: 15/06/2022.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm). Acesso em: 23/05/2022.

BRASIL. **Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020**. Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências. Brasília: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/L13977.htm#](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13977.htm#). Acesso em: 15/06/2022.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Dos Princípios e Fins da Educação Nacional. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 28/12/2022.

CÂNDIDO, Jéssica; SOUZA, LR de. Síndrome de Burnout: as novas formas de trabalho que adoecem. **Psicologia. pt**, v. 28, p. 1-12, 2017.

CASTRO, Ana Cristina de; GIFFONI, Silvyo David Araújo. O conhecimento de docentes de educação infantil sobre o transtorno do espectro autístico. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 98-106, 2017.

COSTA. Dóris Anita Freire, **Superando Limites: a contribuição de Vygotsky para Educação Especial**. Rev. Psicopedagogia 2006; 23(72): 232-40.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 7 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2017.

HOFZMANN, Rafaela da Rosa et al. Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enfermagem em foco**, v. 10, n. 2, 2019.

CARVALHO, Cicera Reuva da Silva. Crianças Autistas e o Processo de Ensino e Aprendizagem: desafio para Pais e Professores. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 10, n. 31, p. 291-304, 2016.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. Metodologia do serviço do atendimento educacional especializado em uma perspectiva inclusiva na escola regular. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 22, n. 2, p. 840-855, 2018.

ALMEIDA, Simone Saraiva de Abreu et al. Transtorno do espectro autista. **Residência Pediátrica**, 72-78, 2018.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

**DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Espanha, Editada/UNESCO, 1994.

FARO, K. C. A.; SANTOS, R. B.; BOSA, C. A.; WAGNER, A.; SILVA, S. S. da C. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. **Psico, [S. l.]**, v. 50, n. 2, p. e30080, 2019.

FLORES, Mariana Rodrigues; SMEHA, Luciane Najjar. Bebês com risco de autismo: o não-olhar do médico. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 16, p. 141-157, 2013.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de pediatria**, v. 80, p. 83-94, 2004.

HABOWSKI, Débora Laís; CAMPOS, Iris Fátima Alves. Considerações sobre o diagnóstico de autismo a partir da revisão de DSM IV e V. **Salão do Conhecimento**, 2019.

HATTGE, Morgana Domênica; KLAUS, Viviane. A importância da pedagogia nos processos inclusivos. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 49, p. 327-339, 2014.

KAUARK, Fabiana da Silva. MANHÃES, Fernanda Castro. MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa: um Guia Prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LEITE, Carleane Maria da Silva; DANTAS, Siebra Moraes. A Afetividade no Desenvolvimento Cognitivo do Aluno com Transtorno de Espectro Autista – TEA. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Dezembro/2020, vol.14, n.53, p. 41-51. ISSN: 1981-1179.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, p. 117-130, 2014.

MACHADO, Mônica Sperb; LONDERO, Angélica Dotto; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato. Tornar-se família de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. **Contextos Clínicos**, v. 11, n. 3, p. 335-350, 2018.

MAGALHÃES, Juliana Macêdo et al. Vivências de familiares de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, 2021.

MAPELLI, Lina Domenica et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, v. 22, 2018.

MAYER, Juli Lanser. **Ao TEA amar: autismo na escola da vida/ Juli Lanser Mayer**. –Bauru, SP: Astral Cultural, 2020. 176 p.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

PIMENTEL, Ana Gabriela Lopes; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. **Audiology-Communication Research**, v. 19, p. 171-178, 2014.

POOLI, João Paulo; FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. Pedagogos construindo suas identidades: entre adscrição e escolhas. **Educar em Revista**, p. 19-37, 2017.

REIS, S. T.; LENZA, N. A Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. **Revista Atenas Higeia**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1 - 7, 2020.

ROGERS, Sally J. DAWSON, Geraldine; VISMARA, Laurie A. **Autismo: compreender e agir em família** / Lisboa: Lidel, 2015.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 1ªed. Brasil: Escala, 2015.

SOUSA, J. R. de; SANTOS, S. C. M. dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 1396–1416, 2020.

VAGHETTI, Dra. Ana Carla. **A diferença entre síndrome, transtorno e doença**. Site/Blog, 2020. Disponível em: Link. < <https://clnicaspecialite.com.br/post/a-diferenca-entre-sindrome-transtorno-e-doenca-284.html#>> Acesso em: 16 de novembro de 2022.

Estância Bela Vista. **Qual a diferença entre síndrome, transtorno e distúrbio?** 2019. Disponível em: Link. < <https://estanciabelavista.org.br/qual-a-diferenca-entre-sindrome-transtorno-e-disturbio/>> Acesso em: 09 de dezembro de 2022.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

**APÊNDICE C – PRINTS DA GRAVAÇÃO/ENTREVISTA**

## **APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**Departamento de Ciências Humanas – DCH III**  
**Colegiado de Pedagogia**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

**Pesquisa: Autismo: Através de um Olhar Familiar Experiências, Vivências e Aprendizagens**

Nome do (a) Pesquisador (a): Nêmora Claudiane Café Pereira da Costa

Nome do (a) Orientador (a): Antonilde Santos Almeida

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar como voluntário deste ESTUDO DE CASO, que objetiva descrever e interpretar as relações de uma família: as adaptações, desafios, vivências e aprendizagens sobre o (TEA) no cotidiano familiar e escola. Observar e analisar os processos de mediação construídos dentro família e relatos da importância da escola para apropriação da aprendizagem da criança com TEA. Assim como, descrever o papel assumido pelos familiares durante a construção desta pesquisa.

Você foi escolhido(a) para participar dessa pesquisa pelo fato de ser familiar de uma criança autista, participando das vivências, experiências e aprendizagens e nesse sentido estar lidando com o cotidiano dessa criança no que tange mais especificamente ao processo de escolarização. Para melhor compreensão do fenômeno pesquisado, temos a pretensão de usar as seguintes técnicas de produção dos dados: entrevista, observação e análise de atividade “Para Casa”.

Para realização da coleta de dados será necessária sua disponibilidade para responder a um roteiro de entrevista semi-estruturada. Também se fará

necessária a realização de observação da sua prática no ambiente família com seu filho. Caso você permita, poderemos ainda fotografar momentos de elaboração de atividades.

O horário para realização da entrevista terá a duração de uma hora e as observações no ambiente família poderão ter em média duas horas (2h), caso necessário, em dias e turnos alternados. As entrevistas e observações serão gravadas em áudio/vídeo e se você quiser pode pedir para ter acesso à gravação que tivermos feito logo depois que terminarmos a coleta de dados. Se preferir, pode solicitar para apagar qualquer trecho que não considerar adequado.

Ao participar deste estudo de caso a sra (sr) permitirá que a pesquisadora Nêmora Claudiane Café Pereira da Costa, colete informações sobre as experiências no ambiente familiar e o desenvolvimento da criança no âmbito escolar.

Esta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, portanto, o entrevistado será respeitado em suas condições físicas e psicológicas, a exemplo de: sigilo; desconforto; vergonha em responder as perguntas, entre outros. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Qualquer desconforto apresentado por você em virtude das questões da entrevista, a pesquisadora responsável fará o possível para contornar a situação.

A participação será voluntária e gratuita, sem nenhum tipo de custo adicional na pesquisa. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa para esclarecimentos de eventuais dúvidas. A principal investigadora é a Discente: Nêmora Claudiane Café Pereira da Costa a orientação da Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Antonilde Santos Almeida. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com a Universidade do Estado da Bahia – Campus III, em Juazeiro - BA ou Comitê de Ética em Pesquisa.

Ao participar deste estudo de caso a(o) sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes para família e para o fomento da divulgação acadêmico-científica e \ou na comunidade os aspectos inovadores vistos na experiência para referência e incentivo para estudos posteriores.

As informações obtidas serão analisadas e apresentadas através da análise do conteúdo dos participantes. Destacamos ainda o compromisso do pesquisador de utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa e de lhe manter atualizado sobre os resultados parciais do estudo. Caso você concorde em participar, deverá assinar as duas cópias do presente termo, para que uma esteja sob a sua guarda e a outra com a pesquisadora responsável.

### **Consentimento livre e esclarecido do voluntário**

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Autismo: Através de um Olhar Familiar Experiências, Vivências e Aprendizagens”. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar do estudo de caso.

**Obs:** Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

---

Nome do Participante da Pesquisa

---

Assinatura da Pesquisadora

---

Assinatura da Orientadora

**Pesquisadora:**

NÊMORA CLAUDIANE CAFÉ PEREIRA DA COSTA – (74)9 88512291

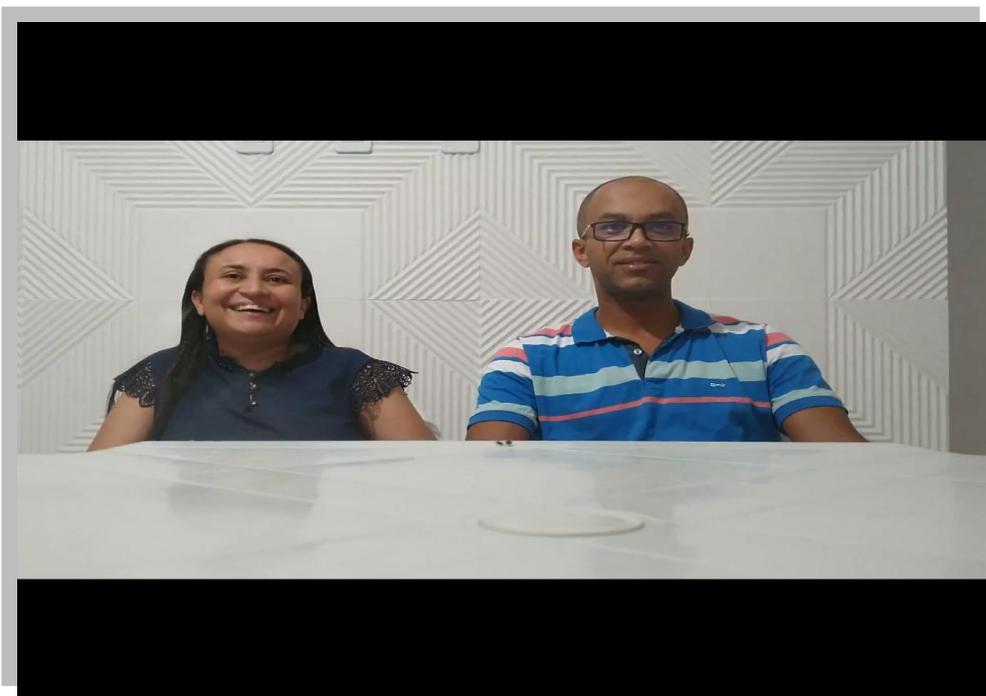
**Orientadora:** ANTONILDE SANTOS ALMEIDA - (74) 9 88190723

## APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Como sucedeu a descoberta do diagnóstico? Tinham algum conhecimento sobre o TEA, antes da descoberta do diagnóstico?
2. Hoje o que entendem por Transtorno do Espectro Autista - TEA?
3. Após a descoberta, quais as experiências de aprendizagem foram vivenciadas pela família?
4. Ocorreram adaptações no ambiente familiar? Quais foram os desafios?
5. Houve estudo de algum método de aprendizagem? Quais os métodos utilizados em casa, para o desenvolvimento da aprendizagem da criança?
6. Quais os recursos são utilizados no desenvolvimento das atividades de casa e da escola?
7. Houve busca por uma escola? Se a resposta for positiva, pode informar como foi essa busca?
8. Em relação ao processo de escolarização da criança, como discorreu os primeiros contatos dele com o ambiente escolar?
9. A criança teve ou tem acompanhamento por profissionais especializados?  
Se a resposta for positiva, como foram os primeiros contatos?
10. Como vocês descrevem seu filho nesse momento?

## APÊNDICE C – PRINTS DA GRAVAÇÃO/ENTREVISTA

**Imagem 1** - Momento de distração durante a entrevista



**Fonte:** Print da gravação feita pela autora Nêmora.

**Imagem 2** - Momento que a mãe, ficar visivelmente emocionada



**Fonte:** Print da gravação feita pela autora Nêmora.

## **ANEXOS**

**ANEXO A: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

**ANEXO B - SUGESTÃO DE LEITURA/ FOTOGRAFIA DE LIVROS: AUTISMO AZUL E DE TODAS AS CORES / AO TEA AMAR AUTISMO NA ESCOLA DA VIDA**

## ANEXOS

### ANEXO A: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III**  
**COLEGIADO DO CURSO DE PEDAGOGIA – CCP**

Av. Edgard Chastinet Guimarães S/Nº – São Geraldo – CEP 48905-680

TELEFAX (74)3611-5617/6860/6483 - [www.uneb.br](http://www.uneb.br) – e-mail: [colegiadodepedagogia.dch3@gmail.com](mailto:colegiadodepedagogia.dch3@gmail.com) ou  
[colpedagdch3@listas.uneb.br](mailto:colpedagdch3@listas.uneb.br)

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, portador(a) do RG n.º \_\_\_\_\_, inscrito(a) no CPF sob o n.º \_\_\_\_\_, residente na Rua \_\_\_\_\_ n.º \_\_\_\_\_, cidade – estado \_\_\_\_\_, AUTORIZO o uso de minha imagem, constante na filmagem e gravação da voz, por \_\_\_\_\_ (nome completo do cinegrafista), enviada à Universidade do Estado da Bahia, com o fim específico de publicação de conteúdo pedagógico, sem qualquer ônus para a instituição e em caráter definitivo.

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem, filmagem e uso da voz acima mencionada é concedida à Universidade do Estado da Bahia a título gratuito, abrangendo inclusive a licença a terceiros, de forma direta ou indireta, e a inserção em materiais para toda e qualquer finalidade, seja para uso comercial, de publicidade, jornalístico, editorial, didático e outros que existam ou venham a existir no futuro, para veiculação/distribuição em território nacional e internacional, por prazo indeterminado.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima

descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Local e data: \_\_\_\_\_

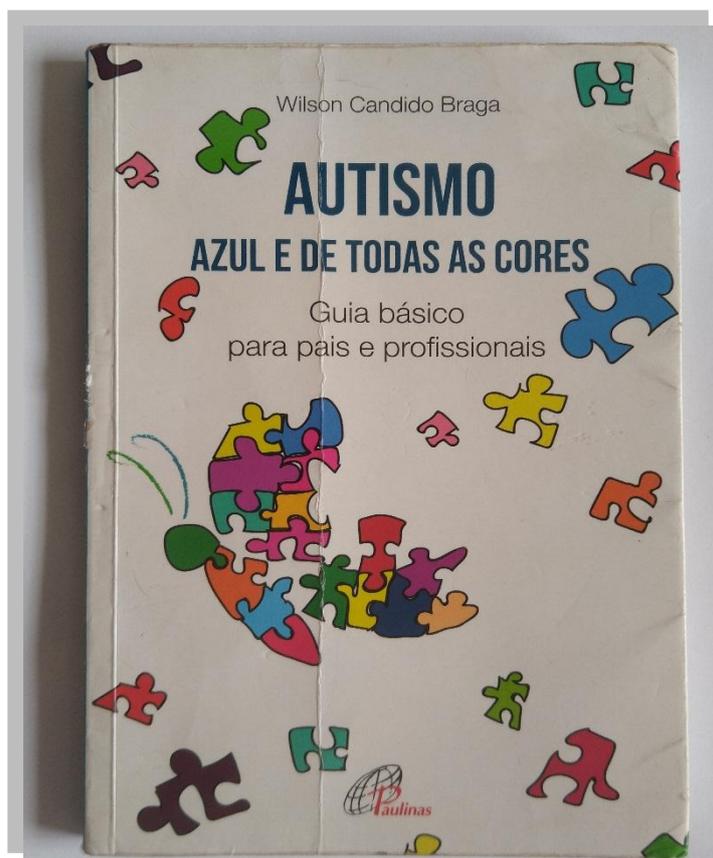
Assinatura: \_\_\_\_\_

Telefone para contato: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

(Obs.: Cada pessoa que aparecer na filmagem deverá assinar um termo como este).

**ANEXO B - SUGESTÃO DE LEITURA/ FOTOGRAFIA DE LIVROS: AUTISMO AZUL E DE TODAS AS CORES / AO TEA AMAR AUTISMO NA ESCOLA DA VIDA**

**Fotografia 1** - Livro: Autismo azul e de todas as cores



**Fonte:** Wilson Candido Braga

Nessa primeira fotografia, podemos analisar que o autor do livro tem uma sensibilidade ao tema, sua escolha foi uma borboleta com quebra cabeça, o quebra cabeça colorido cheio de cores fortes é o símbolo do autismo. Com essa pequena abordagem quero convida-los a conhecer o conteúdo desse livro, principalmente para pessoas que não conhece a respeito, e quer entender o Transtorno do Espectro Autista.

**Fotografia 2** - O livro: Ao TEA amar autismo na escola da vida



**Fonte:** Juli Lancer Mayer

Recomendo esse livro, para todos e principalmente para mães de crianças autistas, o conteúdo descreve experiências, vivências e o desafios que uma família, em especial uma mãe vivenciou para compreender o comportamento do seu filho, e o que significava o autismo. Como poderia ajudar no seu desenvolvimento, descreve com muita sensibilidade a importância da observação, o que afeta o comportamento do seu filho, de que forma isso pode ser evitado. Esteja convidado a conhecer essa narrativa, e fique à vontade para se emocionar.